



Universidade do Minho
Escola de Engenharia

Romana Marquesa Parente Afonso

Brandas e inverneiras:
Análise de ciclo de vida e imagem

Romana Marquesa Parente Afonso
Brandas e inverneiras:
Análise de ciclo de vida e imagem

UMinho | 2014

Setembro de 2014



Universidade do Minho
Escola de Engenharia

Romana Marquesa Parente Afonso

Brandas e inverneiras:
Análise de ciclo de vida e imagem

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Engenharia Civil

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Júlia Maria Lourenço

*'Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive'*

Ricardo Reis

RESUMO

A presente dissertação visa analisar um sistema de habitação com séculos de existência e de história que tem vindo a cair em desuso e cujo futuro é incerto. Trata-se de um sistema, denominado por brandas e inverneiras, segundo o qual os habitantes de determinado lugar, mudam para um outro mediante as estações do ano procurando o conforto. Neste estudo a incidência é na zona correspondente à freguesia de Castro Laboreiro, em Melgaço – Portugal. Esta freguesia tem uma importância acrescida devido a localizar-se na área limitada do Parque Nacional Peneda Gerês. Sistemas como esses existem já desde a pré-história através do nomadismo.

É apresentada uma análise relativa ao ciclo de vida dos imóveis, assente em dados visuais, e também uma análise relativa à imagem do próprio PNPG, através das brandas e das inverneiras na freguesia de Castro Laboreiro. Esta análise assenta no abandono da agricultura e consequentemente das habitações, deixando passar uma imagem fria e triste.

A obtenção de dados práticos conseguida mediante a realização de trabalho de campo e da inquirição aos habitantes locais permitiu a localização de todos os lugares, bem como a sua classificação (mediante estado maioritário de ocupação e conservação) e ainda dados relativos ao sistema habitacional e dados pessoais que visam o estabelecimento de estatísticas, nomeadamente permitiram concluir estar-se perante uma população maioritariamente envelhecida, feminina, com poucos estudos e trabalhos ligados à agricultura. Estes dados permitiram observar que uma grande parte das habitações se encontra praticamente ao abandono e a quantidade de casas reabilitadas não é significativa para a preservação do património.

Complementarmente encontra-se a explicação para a forma como as habitações eram edificadas, como era feito o processo de mudança, como se conseguia sustento para as famílias, entre outros de particular interesse.

Apresentam-se ainda mapas elucidativos da localização das brandas e inverneiras e quais os movimentos efetuados aquando da mudança.

PALAVRAS-CHAVE: Brandas, Inverneiras, Transumância, Ciclo de vida, Abandono

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze a system of housing centuries-old history and has been falling into disuse and whose future is uncertain. It is a system, referred to as mild weather settlements and winter weather settlements, whereby the inhabitants of a particular place, change to another through the seasons looking for comfort. In this study, the incidence is on the zone corresponding to the parish of Castro Laboreiro in Melgaço - Portugal. This parish has an increased importance due to locate in the limited area of the Peneda Geres National Park. Systems like these already exist from pre-history through nomadism.

An analysis for the life cycle of buildings, based on visual data, and also an analysis of the PNPG image. This analysis is based on the abandonment of agriculture and consequently the houses, letting a cold and sad picture.

Practical data obtained by conducting fieldwork and examined the locals allowed the location of all places, as well as their classification (by majority state of occupation and conservation) and also data on the housing system and personal data aimed at the establishment of statistics, specifically we can conclude we face a mostly aged, female population, with few studies and works related to agriculture. These data allowed us to observe that most of the houses are practically abandoned and the amount of rehabilitated houses isn't significant to preserve the heritage.

There's yet the explanation for how the houses were built, as was done the process of change, how they can support the family and others of particular interest.

Still present illustrative maps of the location of *brandas* and *inverneiras* well as the movements made when changing.

KEYWORDS: Mild weather settlements, winter weather settlements, Transhumance, life cycle, Abandonment

ÍNDICE

Resumo	iv
Abstract.....	v
Índice	vi
Índice de Figuras.....	viii
Índice de Gráficos.....	x
Índice de Quadros	xi
1. Introdução.....	1
1.1. Motivação	1
1.2. Objetivos.....	2
1.3. Metodologia	3
1.4. Estrutura da dissertação	5
2. Suporte teórico.....	6
2.1. Análise de ciclos de vida	6
2.2. Imagem	7
2.3. Brandas e inverneiras: contexto local	9
2.4. Sistemas de Informação Geográfica – SIG.....	11
3. Objeto de estudo	13
3.1. Localização geográfica e caracterização.....	13
3.2. Influência dos recursos hídricos	16
3.3. Meios de subsistência	17
3.4. Processo de transumância	17
3.5. Habitação – sistema tradicional	19
4. Estudo de caso	22
4.1. Ciclo de vida	22
4.2. Imagem	25
4.3. Inquéritos	44

4.4. Mapeamento - SIG.....	52
5. Conclusão	56
Referências Bibliográficas.....	58
Anexos	61

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Localização geográfica Castro Laboreiro (Google Earth, 2014)	14
Figura 2 Brandas e Inverneiras - rio Laboreiro (Realização própria em ArcMap, 2014)	16
Figura 3 Habitação típica. (Território, povoamento e construção: manual para as regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês, 1999).....	19
Figura 4 Axonometria explodida. (Território, povoamento e construção: manual para as regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês, 1999)	21
Figura 5 Branda de A-do-Freire. (Fonte própria, 2014)	25
Figura 6 Branda de Antões. (Fonte própria, 2014).....	25
Figura 7 Branda de Campelo. (Fonte própria, 2014).....	26
Figura 8 Branda de Curral do Gonçalo. (Fonte própria, 2014)	26
Figura 9 Branda de Eiras. (Fonte própria, 2014)	27
Figura 10 Branda de Falagueiras. (Fonte própria, 2014).....	27
Figura 11 Branda de Formarigo. (Fonte própria, 2014)	28
Figura 12 Branda de Padrosouro. (Fonte própria, 2014).....	28
Figura 13 Branda da Portela. (Fonte própria, 2014).....	29
Figura 14 Branda de Portos. (Fonte própria, 2014)	29
Figura 15 Branda do Rodeiro. (Fonte própria, 2014)	30
Figura 16 Branda da Seara. (Fonte própria, 2014)	30
Figura 17 Branda do Teso. (Fonte própria, 2014)	31
Figura 18 Inverneira de Alagoa. (Fonte própria, 2014).....	31
Figura 19 Inverneira da Ameijoeira. (Fonte própria, 2014)	32
Figura 20 Inverneira da Assureira. (Fonte própria, 2014).....	32
Figura 21 Inverneira de Bago de Baixo. (Fonte própria, 2014).....	33
Figura 22 Inverneira de Bago de Cima. (Fonte própria, 2014)	33
Figura 23 Inverneira de Barreiro de Baixo. (Fonte própria, 2014).....	34
Figura 24 Inverneira de Barreiro de Cima. (Fonte própria, 2014).....	34
Figura 25 Inverneira de Bico. (Fonte própria, 2014).....	35
Figura 26 Inverneira de Cainheiras. (Fonte própria, 2014)	35
Figura 27 Inverneira da Curveira. (Fonte própria, 2014)	36
Figura 28 Inverneira da Dorna. (Fonte própria, 2014)	36

Figura 29 Inverneira da Entalada. (Fonte própria, 2014)	37
Figura 30 Inverneira de João Alvo. (Fonte própria, 2014)	37
Figura 31 Inverneira de Ladeiras. (Fonte própria, 2014).....	38
Figura 32 Inverneira do Mareco. (Fonte própria, 2014).....	38
Figura 33 Inverneira da Pôdre. (Fonte própria, 2014).....	39
Figura 34 Inverneira de Pontes. (Fonte própria, 2014).....	39
Figura 35 Inverneira de Queimadelo. (Fonte própria, 2014).....	40
Figura 36 Inverneira da Ramisqueira. (Fonte própria, 2014)	40
Figura 37 Inverneira da Varziela. (Fonte própria, 2014).....	41
Figura 38 Brandas e inverneiras na freguesia de Castro Laboreiro – distribuição (Realização própria em ArcMap, 2014)	52
Figura 39 Brandas e inverneiras na freguesia de Castro Laboreiro - rede hídrica e viária (Realização própria em ArcMap, 2014)	55
Figura 40 Brandas e inverneiras na freguesia de Castro Laboreiro – relevo do terreno (Realização própria em ArcMap, 2014)	55

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Ciclo de vida. (Realização própria, 2014)	23
Gráfico 2 Evolução do número de habitantes. (Instituto Nacional de Estatística, 2011)	24
Gráfico 3 Número de Brandas e Inverneiras. (Realização própria, 2014).....	44
Gráfico 4 Distância habitação/cultivo. (Realização própria, 2014).....	45
Gráfico 5 Famílias que efetuam a mudança. (Realização própria, 2014).....	45
Gráfico 6 Motivos para o abandono do sistema. (Realização própria, 2014).....	46
Gráfico 7 Percentagem de habitantes das brandas / inverneiras. (Realização própria, 2014).....	47
Gráfico 8 Sexo dos inquiridos. (Realização própria, 2014).....	48
Gráfico 9 Idade dos inquiridos. (Realização própria, 2014).....	48
Gráfico 10 Grau de escolaridade dos inquiridos. (Realização própria, 2014).....	49
Gráfico 11 Situação profissional dos inquiridos. (Realização própria, 2014).....	50
Gráfico 12 Rendimento total bruto mensal por família. (Realização própria, 2014) ...	51

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 Estado maioritário de ocupação. (Realização própria, 2014)	3
Quadro 2 Estado maioritário de conservação. (Realização própria, 2014)	4
Quadro 3 Transumância branda-inverneira na freguesia de Castro Laboreiro	18
Quadro 4 Síntese informação – Brandas e Inverneiras na freguesia de Castro Laboreiro. (Realização própria, 2014).....	43
Quadro 5 Distâncias brandas-inverneira na freguesia de Castro Laboreiro (Realização própria, 2014)	Erro! Marcador não definido.

1. INTRODUÇÃO

Serve este capítulo para explicação da motivação sob a qual assenta a dissertação, bem como os objetivos a que pretende responder, a explanação da metodologia e a apresentação da estrutura.

1.1. Motivação

Sendo o Parque Nacional Peneda Gerês (adiante designado como PNPG), o único parque desta tipologia no país e, dada a sua proximidade da Universidade do Minho, interessa a sua análise sob o ponto de vista de potenciação de capacidades, neste caso particular com a existência/estado das brandas e das inverneiras.

Apresenta-se um levantamento das brandas e inverneiras existentes e o seu estudo parcial, focado a análise de ciclo de vida e a imagem.

As brandas e as inverneiras fazem parte não só da história como da cultura do parque, tratando-se de zonas habitacionais de cariz temporário – processo de transumância, que têm vindo a cair em desuso.

A área do Parque Nacional experienciou um forte decréscimo na área agrícola nos últimos 60 anos, tendo começado em meados do século XX, continuando a ocorrer. (Rodrigues, 2010) Perante este decréscimo pretende ainda avaliar-se o que está de facto a acontecer na atualidade, em termos de população e de mudança de habitação atendendo às condições climáticas.

A análise do ciclo de vida relaciona-se com o acompanhamento da evolução de determinada obra, neste caso particular focada na evolução das brandas e inverneiras, isto é, desde o seu surgimento, passando pela sua utilização, até ao gradual desuso, culminando no estado atual, que será alvo de avaliação, quer pelo seu abandono, quer pela sua reabilitação. Ainda em relação a este assunto é levantada a questão da sazonalidade, sendo possível o estabelecimento de um paralelismo entre a sazonalidade de antigamente, que não era mais do que uma necessidade dos tempos – transumância, e a sazonalidade da atualidade que se relaciona com a disponibilidade e com as condições meteorológicas para a visita dos turistas ao Parque.

Relativamente ao estudo da imagem, a finalidade relaciona-se com a modificação que o mosaico do parque sofreu, nomeadamente em relação à mudança de imagem da tradicio-

nal/antiga para a atual/moderna, no que se relaciona com a opinião pública das Brandas e das Inverneiras.

Complementarmente é canalizada informação relativa a inquéritos com a perspectiva de avaliação o conhecimento dos habitantes acerca das brandas e das inverneiras mas também com dados pessoais dos castrejos e ainda a exploração de um mapa recorrendo a ferramentas SIG que permitem a representação/análise do que ocorre no espaço, particularmente relativo às brandas e às inverneiras em Castro Laboreiro.

O levantamento de todo este património mostrou-se bastante enriquecedor sob o ponto de vista pessoal do autor, mas também sob o ponto de vista de exploração e da possível divulgação destes lugares.

1.2. Objetivos

O objetivo prende-se com o potencial que estas zonas têm. Pretende-se a realização do levantamento das brandas e inverneiras existentes, bem como do seu estado e a relação das mesmas com a análise dos ciclos de vida, nomeadamente com a reabilitação que tem vindo a ser alvo o PNPG e também com a imagem das mesmas, potenciando a análise da imagem tradicional *vs.* imagem atual/turística.

Compreender a evolução das brandas e das inverneiras inclui compreender o que motivou o seu desuso, qual é o seu estado atual, quais são as mudanças passíveis de melhoria, qual o interesse em potenciar, ou não, as mesmas, entre outras questões que possam revelar-se pertinentes no desenrolar do projeto.

Essencialmente o projeto tem um objetivo que se prende com a valorização deste património material que o PNPG tem, abarcando todo este valor histórico-cultural e que importa não deixar desaparecer, sendo, por isso, motivação de estudo.

1.3. Metodologia

Esta secção destina-se à explanação da metodologia adotada para posterior análise do estudo de caso. Assim apresentar-se-á dividida de acordo com o desenvolvimento do índice.

1.3.1. Ciclo de vida

A análise do ciclo de vida é feita mediante observação visual em campo. Através desta análise é possível o estabelecimento de um padrão representativo do ciclo de vida dos lugares.

Este trabalho de campo corresponde a uma situação bastante morosa uma vez que envolve várias deslocações a Castro Laboreiro.

Assim a compreensão relacionada com a análise de ciclos de vida no que concerne à ocupação das brandas e inverneiras e ao seu uso/utilização ou necessidade carece de uma análise física e local das mesmas, bem como do acompanhamento de habitantes locais que sejam representativos e conhecedores da forma como se deu esta evolução.

1.3.2. Imagem

O levantamento da imagem que as brandas e as inverneiras têm no parque é feito, também, através do trabalho de campo e do registo fotográfico.

Este trabalho de campo permitiu a classificação das brandas e inverneiras em relação ao seu estado maioritário de ocupação e de conservação, tarefa esta que se revelou custosa, e para isso consideraram-se critérios, tal como se mostra em Quadro 1 e Quadro 2.

Relativamente ao estado maioritário de ocupação atribui-se uma escala de três níveis, sendo eles: abandonada, praticamente abandonada e habitada.

Estado maioritário de ocupação	Caso
Abandonada	Não se deteta vestígio de ocupação.
Praticamente abandonada	A ocupação é muito escassa.
Habitada	Há ocupação e é significativa.

Quadro 1 Estado maioritário de ocupação. (Realização própria, 2014)

Quanto ao estado maioritário de conservação é atribuída também uma escala com quatro níveis: muito bom, bom, mau e ruínas.

Estado maioritário de conservação	Caso
Muito bom	100% Estão em muito bom estado
Bom	>50% Estão em bom estado
Mau	>50% Estão em mau estado
Ruínas	100% Estão em ruínas

Quadro 2 Estado maioritário de conservação. (Realização própria, 2014)

O contato com responsáveis do Núcleo Museológico de Castro Laboreiro, bem como da Junta de Freguesia, também constituiu uma fonte de informação muito útil.

1.3.3. Inquéritos

O recurso a inquéritos é uma estratégia encontrada para uma maior aproximação aos habitantes e para uma melhor perceção da atualidade.

O objetivo dos mesmos é a avaliação dos conhecimentos dos habitantes locais sobre este sistema de transumância, bem como a retirada de ilações em relação ao seu abandono e, ainda, a recolha de dados pessoais que permitam, estatisticamente, auferir conclusões relacionadas com a população residente – idades, habilitações, profissões, rendimentos, entre outros que possam ser relevantes.

A nível de dificuldades é relevante salientar algumas reservas que a população residente tem em relação a pessoas que desconhecem.

1.3.4. Sistema de informação geográfica

O recurso a um sistema de informação geográfica, vulgarmente citado como SIG, pretendeu aproveitar as ferramentas de um *software*, mas também constitui uma forma de materializar parte do trabalho desenvolvido.

A mais-valia deste tipo de sistemas de informação tem a ver com a sua vertente geográfica, neste caso fortemente explorada com localização das brandas e inverneiras existentes em Castro Laboreiro, permitindo ainda a exploração de outros conceitos passíveis de serem mapeados e com interesse.

O *software* aplicado denomina-se *Arcgis*, e é utilizado após autenticação online.

1.4. Estrutura da dissertação

A estrutura da presente dissertação está organizada da forma a seguir explicada.

O presente capítulo 1, *Introdução*, que visa introduzir o tema, bem como explicar a motivação, identificar os objetivos e ainda a metodologia a adotar.

Seguido de um capítulo 2, dedicado à *Revisão do estado da arte*, ou seja, onde se efetua um apanhado do que já foi estudado em relação ao tema da dissertação.

No capítulo 3, encontra-se o *Objeto de estudo*, funcionando como uma introdução prática ao tema das brandas e das inverneiras num contexto local, através da identificação do local e de realidades interessantes.

Ao longo do capítulo 4, *Estudo de caso*, analisam-se os resultados resultantes da aplicação da metodologia proposta às brandas e inverneiras da freguesia de Castro Laboreiro.

O capítulo 5, *Conclusões*, respeita às ilações que a presente dissertação permitiu tirar.

2. SUPORTE TEÓRICO

Ao longo deste capítulo são abordados os quatro tópicos essenciais do trabalho e sob os quais existe uma forte componente de pesquisa no que respeita ao estado da arte.

2.1. Análise de ciclos de vida

A análise de ciclos de vida é feita tendo por base determinados modelos; o que se pretende é que seja acompanhado o ciclo de vida de determinada obra.

Existe desde 2008 elaborado por Alvares um modelo teórico-conceitual, denominado MAPT, com representação gráfica que tem em conta fatores que influenciam o turismo como o planeamento turístico, os investimentos públicos e o crescimento da atividade. Segundo o mesmo, o modelo de Butler possui grande mérito por contribuir para análises e monitorização do desenvolvimento de destinos turísticos.

O modelo desenvolvido por Butler e denominado por TALC (Tourism Area Life Cycle) foca o seu estudo no sucesso de determinado destino turístico, tendo atingido o seu apogeu, atinge uma fase de estagnação, sendo a fase seguinte objeto de estudo procurando saber se voltou a ascender, se continuou estagnada ou se entrou em declínio.

Nunes (1995) afirmou que a reabilitação urbana envolve motivações de carácter cultural, económico e social de onde se salientam: o interesse histórico-cultural, a degradação acentuada do património, a revitalização dos espaços, a escala e a imagem.

O turismo é uma experiência na qual se verifica a prática de consumo do que o espaço contém de diferente, é a apropriação das qualidades de um determinado lugar, é considerada criação e captura de uma economia de processos e espaços. (Pereira, 2011)

Figueiredo e Pereira desenvolveram em 2011, um modelo matemático que possibilita o estudo de terras abandonadas e a compreensão dos regimes de mudanças desse sistema sócio- ecológico. O modelo considera que a migração é um comportamento coletivo sócio- economicamente conduzido e que o ecossistema é dinâmico.

A imagem que o PNPG transmite associa-se ao conceito de paisagem e este, segundo Forman e Gordon (1986), paisagem é uma porção de território composta por um conjunto de sistemas inter-atuantes, que vão sendo repetidos segundo formas semelhantes.

Perante isto depreende-se o carácter dinâmico da paisagem, bem como a interatividade com vários elementos que a influenciam a diversos níveis.

A inclusão do Homem como elemento-chave de transformação da paisagem impulsionou vários investigadores a evidenciar na paisagem o seu estado cultural. Telles (1985) refere-se ao conceito de paisagem afirmando que é produto da interação cultura-natureza e, conseqüentemente, como expoente máximo da cultura de um povo.

2.2. Imagem

A forma como a paisagem evolui em resposta ao abandono depende de muitos fatores. A área do Parque Nacional experienciou um forte decréscimo na área agrícola nos últimos 60 anos, tendo começado em meados do século XX, continuando a ocorrer. (Rodrigues, 2010)

Esta tendência de perda populacional tem repercussões no desenvolvimento da atividade agrícola, devido à perda de mão-de-obra, deixando evidente a perda progressiva dos mecanismos que sustentam a paisagem. Esta provoca ainda a perda de valores associados, resultando em ecos de difícil gestão como sendo ao nível natural (alterações da cadeia alimentar).

Segundo Rodrigues (2010) a análise à escala das brandas e das inverneiras permitiu detetar padrões que não são visíveis à escala da paisagem; contrariamente ao que seria de esperar, os resultados mostraram que proporcionalmente houve mais abandono agrícola nas brandas do que nas inverneiras, o que indica que apesar de abandonadas, alguns campos ainda são mantidos nas inverneiras. A menor altitude e as características do solo nas inverneiras permitem cultivo de culturas diferentes daquelas que são cultivadas no planalto (Geraldès 1996).

Os graus de mudança no uso do solo têm historicidade espacial e temporal, associada ao declínio da produtividade agrícola dentro das regiões, em todas as economias e em associação com as mudanças tecnológicas e demográficas. (Beilin et al. 2011).

A existência de brandas e inverneiras é o reflexo da imagem isolada e pobre que se verificou no passado, bem como os hábitos e estilos de vida. As comunidades humanas do Parque Nacional da Peneda-Gerês assemelham-se pelas características próprias de regiões de montanha que partilham e distinguem-se pelas especificidades culturais que a história, o isolamento e os diferentes recursos locais lhes conferiram.

Uma vez que se encontravam quase isoladas no meio hostil da serra, desenvolveram uma atividade agro-pastoril de sobrevivência, conseguindo manter até aos nossos dias uma identidade e uma cultura comunitária cuja origem se perde no tempo. (Instituto de Conservação da Natureza e Florestas).

As cidades e os lugares hoje têm muito mais cuidado para criar uma imagem positiva e de alta qualidade de si mesmos e têm procurado uma arquitetura e formas de projeto urbano que atendam a essa necessidade. Dar determinada imagem à cidade através da organização de espaços urbanos espetaculares tornou-se um meio para atrair capital e pessoas num período de competição interurbana e de empreendedorismo urbano intensificado. (Harvey, 2001).

A curiosidade e a particularidade das brandas e inverneiras faz com que diversos turistas afluam ao PNPG, uma vez que, tal como referido por Urry em 1996, o olhar do turista é direcionado para os aspetos que os separam da experiência de todos os dias.

Em 2013 um estudo considerou denominado 'Análise de como o abandono das terras agrícolas afeta a biodiversidade e as paisagens culturais' considerou o abandono da agricultura e os seus efeitos, em estudos de caso relativos a zonas com características semelhantes situadas em Portugal, Escandinávia e Suécia. Concluiu-se que na Europa os responsáveis sociais tem tido um importante papel na modificação das paisagens, sendo necessário considerar uma série de fatores de decisão locais e que, ainda que em diferentes graus, os três casos de estudo tem experimentado algum abandono do cultivo e da criação do gado devido às condições cada vez mais desafiadoras.

Este mesmo estudo considera ainda que no futuro, novas oportunidades estão a surgir em Portugal em relação a alternativas de usos da paisagem agrícola tradicional, tornando-se desejável, tanto para as comunidades humanas e florísticas.

É perceptível a diversidade de mutações ocorridas neste espaço rural e da ausência de políticas de ordenamento territorial. A diversidade e a beleza destas paisagens denunciam que a vida desta laboriosa gente serrana tem sido uma constante luta com a natureza e os interesses do homem. (Silva, 1992)

Primavera (2002) apresentou nas áreas montanhosas um grau de especialização técnica e operativa única a nível mundial, acrescentando ainda que se está na presença de testemunhos de dimensão única no nosso país.

O Homem procurou retirar de forma inteligente o máximo proveito das características microclimáticas. Embora no presente esta interdependência já não se faça sentir de forma tão marcante, todo o sistema de complementaridade entre brandas e inverneiras parece ainda vivo, já não tanto por razões de abrigo, mas talvez pela necessidade de dispor de uma área complementar destinada ao cultivo e ao pasto. A melhoria das condições económicas, as novas tecnologias (aquecimento e máquinas agrícolas), o acesso facilitado entre lugares (devido à melhoria da rede viária e ao uso do veículo automóvel), o envelhecimento populacional e falta de mão-de-obra são os fatores que mais contribuem para a alteração dos ritmos associados a esta prática. (Dias, 2002)

Procurando avaliar a paisagem, em 2002 um estudo denominado ‘Avaliação do carácter da paisagem como contributo para o ordenamento e gestão do Parque Nacional Peneda-Gerês’, teve em atenção dois critérios: significância e integridade, uma vez que se considerou estar perante uma paisagem onde ainda permanecem registos de fenómenos naturais produzidos há muitos anos e testemunhos de ocupações sucessivas ao longo da história e, por outro lado, admitiu-se que os valores associados ao uso e gestão tradicionais se encontravam numa posição fragilizada.

Através da observação da paisagem é notória a influência do Homem; a história é narrada, a paisagem natural foi sendo abandonada, evidenciando os processos de colonização de um meio adverso, sem contudo, apagar os vestígios das diversas civilizações do passado.

A definição de paisagem dada pela Convenção Europeia da Paisagem, respeita a uma parte de território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos. De acordo com esta mesma convenção, a paisagem, a arquitetura, os caminhos, os engenhos e o património arqueológico constituem a paisagem rural material imóvel.

2.3. Brandas e inverneiras: contexto local

Na Europa, as regiões montanhosas evoluíram durante milénios sob intervenção humana, com a agricultura e a pastorícia a desempenharem um papel fundamental na definição dos ecossistemas de montanha (Blondel 2006, Mitchley et al. 2006). Nas últimas décadas,

muitas dessas regiões têm sofrido importantes transformações nas suas paisagens, como consequência do êxodo rural das populações e do consequente abandono das atividades agropastoris tradicionais (Rey-Benayas et al. 2007).

Muitas vezes definidas como paisagens culturais, as zonas de montanha da Europa refletem as interações de longo prazo dos seres humanos com o meio ambiente. (Farina 2007, UNESCO 2007)

A rotina pastoril dos habitantes organizava-se em torno de um sistema único de alternância de residência, entre as localmente designadas brandas e inverneiras (Geraldès 1996, Lima 1996). Durante a Primavera, Verão e Outono as populações permaneciam nas povoações serranas mais elevadas, no planalto (brandas), regressando ao vale (inverneiras) para o Inverno (Geraldès 1996). Tendencialmente as inverneiras procuraram mais o conforto, tendo inclusive cortes para o gado na parte inferior das mesmas.

As próprias designações adotadas deixam em evidência a forte influência das condições climáticas perante a ocupação humana. Importa, contudo, salientar que não existe uma relação de complementaridade em todos os núcleos, quer isto dizer que a existência de brandas nem sempre obriga à existência de inverneiras.

O sistema de brandas e inverneiras é também vulgar e localmente conhecido como abrigos de pastor e fojos do lobo, respetivamente. Os abrigos de pastor localizados a maior altitude são propícios ao desenvolvimento de pastos mais frescos na época mais quente do ano, permitindo um desenvolvimento dos pastos e das culturas a um ritmo diferente do que se verifica a baixas altitudes; os fojos do lobo encontram-se em locais recônditos e estratégicos procurando a amenidade do clima.

O declínio do setor agrícola na Europa rural resultou em rendimentos mais baixos para os agricultores e, para algumas marginalização económica e social. (Pinto-Correia e Breman, 2008). Os moradores abandonaram as casas no vale, que estão cada vez mais em desuso. O vale é usado para a produção de forragem, mas alguns estão a ser deixados em estado selvagem. (Aguilar e al., 2009).

O abandono já referido das áreas agrícolas ocorreu em simultâneo com o declínio populacional, tendo sido as áreas abandonadas gradualmente substituídas por áreas de mato.

Em relação ao abandono dos campos, os resultados apontam para um efeito positivo da altitude, do declive e da distância à aldeia na probabilidade de abandono. Assim, os campos agrícolas localizados em altitudes mais elevadas, com declives mais acentuados e mais distantes da aldeia têm maior probabilidade de serem abandonados. (Rodrigues, 2010)

Áreas que têm paisagem cultural, história associada, produtos tradicionais e que fornecem um importante habitat humano de gestão podem sustentar meios de subsistência rurais no futuro. (Berkel, Carvalho-Ribeiro, Verburg e Lovett, 2011).

2.4. Sistemas de Informação Geográfica – SIG

Os SIG são sistemas constituídos por bases de dados cartográficos que contêm informações sobre o local (onde) e informações do atributo (o quê), combinados com o software para organizar os dados e o hardware necessário para fazer correr o sistema. São, também, um meio eficiente quer de armazenamento de dados espaciais, uma vez que os mapas digitais necessitam de menos espaço físico, quer de monitorização dos mesmos, dada a facilidade e frequência com que podem ser atualizados. Uma vantagem adicional de um SIG é que este permite que a informação espacial possa ser exibida em vários formatos. Na essência, estes sistemas permitem uma visualização individualizada resultante de análises espaciais complexas através da criação personalizada de mapas, gráficos e estatísticas (Alonso et al, 2006).

Os SIG são, também, instrumentos de formação, mobilidade e aplicação de conhecimento e, como tal, promotores da eficácia e da eficiência em processos sociais, económicos e ambientais com vista à competitividade, desenvolvimento e sustentabilidade sectorial e territorial (Alonso et al., 2010). A passagem do conhecimento para um suporte digital e as respetivas vantagens na representação e comunicação, em particular na sua dimensão espacial, facilitam a mobilidade dos dados, a acessibilidade remota a produtos e serviços e viabilizam a promoção de novas economias. A produção, o armazenamento e a acumulação, a organização e gestão, a análise e modelação, a edição e disponibilização de dados e serviços são elementos de suporte à decisão-ação que apoiam o funcionamento interno na sua relação com a capacidade de proposta e resposta ágil, transparente e flexível aos parceiros, clientes ou utentes. Tendo em conta estas vantagens, a implementação de um SIG assume uma relevância estratégica em áreas como o planeamento urbano, a gestão do território e dos recursos naturais, a cartografia, bem como em áreas de investigação como a arqueologia (Nunes, 2006). Os SIG

podem constituir uma componente de um sistema mais vasto de gestão, análise e divulgação de informação, utilizada por todos os colaboradores sempre que a sua linguagem prove ser a mais adequada para analisar, decidir ou comunicar (Julião, 2004).

3. OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo foca o objeto de estudo mais especificamente, dando atenção à localização geográfica, à influência dos recursos hídricos no sistema habitacional, ainda aos meios de subsistência dos castrejos e ainda ao processo de mudança.

3.1. Localização geográfica e caracterização

O Parque Nacional Peneda Gerês é o único em Portugal que detém tal título, unicamente atribuído a áreas de conservação com o intuito de preservação de ecossistemas e de ambientes com relevância em alguma vertente, quer seja biológica, geológica e, onde é permitido desenvolver atividades com fins educativos, científicos, interpretativos, recreativos e turísticos. Perante a UNESCO é ainda considerado Reserva Mundial da Biosfera.

Possui uma área de mais de 70 mil hectares distribuídos ao longo de Braga (concelho de Terras de Bouro), de Viana do Castelo (concelhos de Melgaço, Arcos de Valdevez e Ponte da Barca) e de Vila Real (concelho de Montalegre).

A riqueza do Parque a nível paisagístico, cultural, ecológico, etnográfico e biológico faz com que este seja um dos ex-libris do país.

O conceito de património rural é peculiarmente interessante neste contexto uma vez que o mesmo se relaciona com as áreas agrícolas, os métodos de cultivo, os valores, objetos, conhecimentos, estilos de habitação, que foram sendo transmitidos ao longo do tempo e que, se vão perdendo no tempo.

Braga da Cruz (1999) consultado em Viana (1999) admite que no domínio da valorização deste património rural um dos exemplos mais significativos é o da casa rural tradicional e dos equipamentos de apoio que representam a materialização do sistema económico e social, sendo um exemplo da síntese estabelecida entre a ecologia, a economia, a sociedade e a tecnologia.

No âmbito particular deste caso de estudo, há uma limitação territorial ao concelho de Melgaço, mais propriamente à vila de Castro Laboreiro - Figura 1. Trata-se de uma freguesia que, de acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas e os Censos realizados em 2011 possui uma área de cerca de 90km² e 540 habitantes, o que canaliza uma densidade habitacional de

6hab/km² que tem vindo a ser gradualmente menor. Tem uma população maioritariamente envelhecida (aproximadamente 50%) sendo que apenas 7,5% da população se localiza numa faixa etária dos 0 aos 24 anos.

Trata-se de uma zona montanhosa cujas altitudes atingem os 1500m acima do nível médio das águas do mar e onde os declives são muito acentuados; devido a estas características possui uma rede hidrográfica densa. A própria localização do território é determinante para o clima existente que acaba por condicionar a forma/maneira como as pessoas habitam, dando origem ao sistema de transumância.



Figura 1 Localização geográfica Castro Laboreiro (Google Earth, 2014)

De acordo com o Plano de Ordenamento do Território do Parque Nacional Peneda-Gerês, no concelho Melgaço, freguesia de Castro Laboreiro existem 42 aglomerados dos quais se distinguem brandas, inverneiras e locais de habitação fixa/permanente.

Importa referir que este caso não é singular, sendo que este sistema habitacional não se verifica apenas em Castro Laboreiro, no entanto, na área do PNPG é onde é mais representativa e, daí o particular interesse. Podem a título de curiosidade referir-se quais as freguesias onde existem brandas, sendo elas Gavieira e Soajo no concelho de Arcos de Valdevez e Ermida no concelho de Ponte da Barca.

Assim sendo o estudo incide num total de 33 locais classificados como brandas e inverneiras, deixando de fora 7 locais cuja classificação é fixa, no entanto, por motivos oportunamente explanados, algumas das mesmas acabam por tornar-se habitações permanentes, reduzindo assim o número de brandas e inverneiras.

Tal como já foi indicado as brandas ficam nos lugares mais altos, entre os 1100 e 1200 metros, enquanto, as inverneiras, ficam entre os 400 e os 800 metros, sendo que os lugares fixos encontram um meio-termo entre ambas, à volta dos 900 metros.

Os locais de habitação permanente classificam-se assim devido às suas características, não se verificando a necessidade de transumar, sendo eles: Coriscadas, Portelinha, Ribeiro de Baixo, Ribeiro de Cima, Varziela Travessa, Vido e Vila (Castro Laboreiro). Mais recentemente e, ainda não tendo sido alvo de atualização no Plano de Ordenamento do Território foram considerados lugares de habitação fixa Outeiro e Picotim, não integrando portanto o estudo.

Existem ainda lugares onde parte dos habitantes mudam e parte não mudam o que leva a concluir que mais tarde ou mais cedo estes se tornarão lugares fixos ou lugares abandonados.

Em relação à cronologia das edificações não é possível estabelecer uma data, no entanto existem relatos de que a existência de lugares fixos seja mais recente do que a existência de brandas/inverneiras.

O rio Laboreiro, que atravessa todo o território da freguesia de Castro Laboreiro, faz a divisão da mesma; este nasce no planalto de laboreiro, desaguando a sul, no rio Lima, servindo ainda de limite entre Portugal e Espanha. Assumindo o rio como ponto de referência, podem dispor-se brandas e inverneiras em relação às suas margens da seguinte forma:

- a. Brandas da margem direita do Rio Laboreiro: Rodeiro, Antões, A-do-Freire, Queimado e Falagueiras.
- b. Brandas da margem esquerda do Rio Laboreiro: Seara, Portos (Cima e Baio), Padrosouro, Eiras, Curral do Gonçalo, Campelo, Teso, Formarigo e Portela.
- c. Inverneiras da margem direita do Rio Laboreiro: Laceiras, Ramisqueira, João Alvo, Barreiro, Pôdre, Assureira, Alagoa, Dorna, Entalada, Pontes e Mareco.
- d. Inverneiras da margem esquerda do Rio Laboreiro: Varziela, Cainheiras, Bico, Curveira, Bago (Cima e Baixo) e Ameijoeira.

3.2. Influência dos recursos hídricos

Tal como já foi apontado, este sistema habitacional peculiar é influenciado desde a sua génese por diversos fatores, neste tópico em particular será explorada a vertente hidrográfica, isto é, a forma como as linhas de água existentes afetaram quer brandas quer inverneiras.

A rede hidrográfica é densa, particularmente o Rio Laboreiro que atravessa toda a freguesia e é crucial - Figura 2.

Nas brandas, onde as pessoas passavam um período temporal mais amplo (de 15 de Março a 15 de Dezembro) o clima é tendencialmente mais quente e seco quando comparado com o Inverno, assim, nas zonas mais altas, havia necessidade não só de garantir o regadio das culturas, mas também assegurar que o gado tinha como beber, daí terem sido construídas represas de águas, responsáveis pela existência de lagoas artificiais, que garantiam a satisfação das necessidades mesmo quando as condições climatéricas proporcionavam menores quantidades de água. Por este motivo as brandas estão associadas a terrenos mais férteis.

Por outro lado as inverneiras ficam junto a vales e, portanto, junto a linhas de água que, pela sua localização faz com que estas estejam mais protegidas de intempéries, e, por outro lado, a existência de uma linha de água próxima da habitação faz com que, no Inverno, as temperaturas se amenizem – por influência do curso de água.

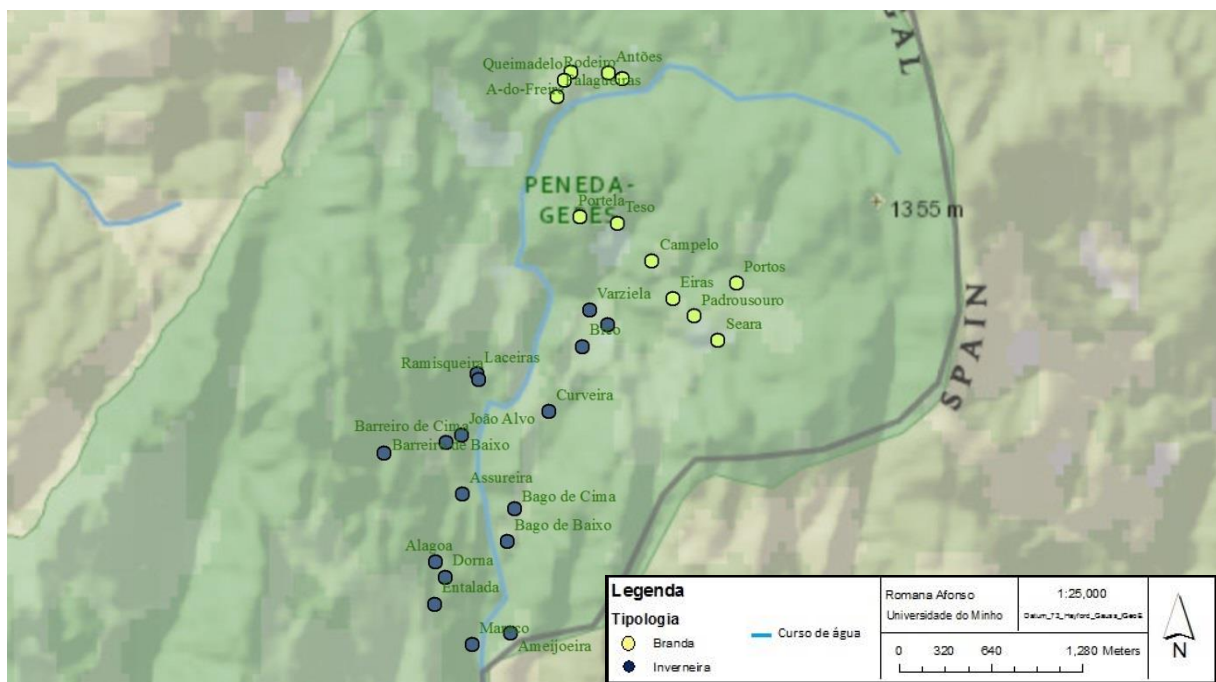


Figura 2 Brandas e Inverneiras - rio Laboreiro (Realização própria em ArcMap, 2014)

3.3. Meios de subsistência

A agricultura e a pecuária são atividades do setor primário responsáveis pela subsistência dos castrejos. Atualmente estas atividades estão praticamente extintas, no entanto em outros tempos eram representativas da maioria dos habitantes.

Em termos de pecuária importa salientar o gado bovino, caprino, ovino e suíno, fazendo parte destes, respetivamente, as vacas de raça Cachena utilizadas para carne e também para trabalho e que significavam a maioria do gado, a raça bravia, a churra do Minho e o porco bísaro. Podiam ainda ter cavalos de raça Garrana para auxiliar no trabalho e no transporte aquando da mudança.

A guarda do gado é, desde há muitos anos feita pelos cães de pastoreio de raça Castro Laboreiro.

No que respeita à agricultura praticava-se o cultivo de centeio para farinhas e para aproveitamento do colmo. Cultivava-se ainda o milho, a batata e o feijão servindo para alimentar o gado e para alimentação da família.

3.4. Processo de transumância

De acordo com informações recebidas através da fonte de conhecimento mais fidedigna deste tipo pertencente aos habitantes de Castro Laboreiro, a mudança da branda para a inverneira e o retorno era feita em dia fixo, sendo preparada atempadamente.

O Verão e a maioria do ano era passado na branda, quando o tempo ameaçava arrefecer, aproximava-se a mudança para a inverneira, acontecia, repetidamente ao longo dos anos, no dia 15 de Dezembro. Era na inverneira que se passava o Inverno, assim que a Primavera começava a aproximar-se era tempo de retornar à branda para a prática dos cultivos, acontecia então a 15 de Março.

De acordo com este calendário, o Natal era sempre passado na inverneira e a Páscoa sempre passada na branda.

Vieira (1886) escreveu ‘No Inverno os castrejos, principalmente os de serra acima, abandonam as povoações do alto e recolhem às suas choças no fundo dos vales, as invernei-

ras, para as quais transportam o seu limitado trem de cozinha, os instrumentos de trabalho, as roupas e os gados.’

Sabe-se ainda que, apesar desta mudança, os castrejos voltavam à inverneira para trabalhar a terra, regressando à branda no final do dia, aproveitando assim a máxima fertilidade dos campos.

De acordo com a informação recolhida durante o trabalho de campo é possível a elaboração de um quadro (Quadro 3) onde se apresentem quais eram de fato as mudanças efetuadas, ou seja, de onde que lugar vinham e para que lugar se deslocavam quando o clima exigia. Uma vez que existe um conjunto maior de inverneiras do que de brandas, era natural que habitantes de uma mesma branda, mudassem para diferentes inverneiras.

Branda	Inverneira
A-do-Freire	Assureira, Dorna e Ramisqueira
Antões	Assureira
Campelo	Cainheiras, Curveira, Ameijoeira, Pontes e Mareco
Curral de Gonçalo	Ameijoeira e Entalada
Eiras	Bago de Baixo e Ameijoeira
Falagueiras	Ramisqueira, Assureira e Dorna
Formarigo	Curveira, Laceiras, Alagoa, Entalada, Pontes e Mareco
Padrosouro	Cainheiras, Bico e Bago de Baixo
Portela	Varziela
Portos	Cainheiras e Curveira
Rodeiro	Bago de Cima, Laceiras, Podre, Assureira, Alagoa, Dorna, Ramisqueira e Entalada
Seara	Cainheiras, Bico, Curveira, Bago de Baixo e Dorna
Teso	Laceiras e Entalada

Quadro 3 Transumância branda-inverneira na freguesia de Castro Laboreiro

3.5. Habitação – sistema tradicional

Uma vez que as edificações datam da mesma altura é possível estabelecer uma descrição das mesmas que seja transversal e comum a todo o conjunto de brandas e inverneiras em estudo.

As habitações foram as primeiras edificações a surgirem e, daí, terem dado origem ao mosaico/paisagem. Não é possível estabelecer uma data para a sua construção, no entanto as mesmas surgiram como necessidade de abrigo perante as condições meteorológicas que se iam verificando, erguidas de forma simples, funcional e passível de intervenções/desenvolvimentos ao longo dos tempos.

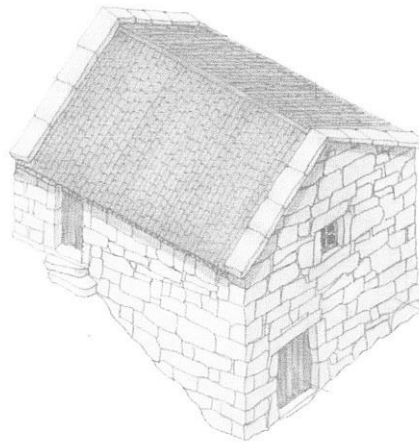


Figura 3 Habitação típica. (Território, povoamento e construção: manual para as regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês, 1999)

A Figura 3 e a Figura 4 ilustram o aspeto da habitação típica castreja. Sendo a zona pertencente ao Parque Nacional uma região tendencial e essencialmente granítica, o bloco de granito é o material que constitui todas as paredes das habitações. Estas eram tendencialmente compostas por dois pisos, o piso terreno (rés-do-chão) cujo pé direito era reduzido uma vez que destinava a serviço de corte para os animais e o piso superior no qual funcionava a habitação propriamente dita. A separação entre pisos era feita com recurso a madeira, na maioria dos casos utilizando madeira de carvalho devido às propriedades que a mesma oferece quer em termos de durabilidade, quer no que respeita ao conforto; por outro lado o piso térreo era deixado em terra devido à sua funcionalidade.

O telhado tinha duas ou quatro águas e bastante inclinado para que houvesse um escoamento rápido da águas das chuvas e mesmo da neve. Na sua génese, o telhado era de colmo,

tendo sido substituído, com o passar dos anos, por telha, restando raríssimos exemplares do telhado original.

Todas as habitações são tendencialmente muito próximas umas das outras, ou mesmo geminadas, sendo esta uma estratégia para de proteção, nomeadamente do frio.

A partir da primeira casa que a família edificava e, com o passar dos anos, com as crescentes necessidades e conhecimentos, foram surgindo alterações/evoluções que se evidenciam. Estas alterações passam pelo acréscimo de pisos, pela terraplanagem das imediações da casa, ultrapassando adversidades provocadas por socalcos e propiciando um terreno plano, pela construção de alpendres ou semelhantes, pela alteração da posição das escadas, entre outras que podem ser comprovadas localmente.

No que respeita à forma como estas habitações, quer brandas, quer inverneiras, tem sido intervencionadas deve ter-se alguma reserva na forma como se relata o sucedido. Existe, atualmente, um manual de território, povoamento e construção que visa estabelecer algumas regras de forma a preservar a imagem e o património, no entanto, até à data do seu lançamento, as intervenções foram feitas sem qualquer controlo pelos seus proprietários. Esta falta de controlo e de noção de património fez com que durante vários anos se destruíssem parte de habitações devido à forma como foram reabilitadas/reconstruídas.

Os materiais aos quais se acorreram destoaram dos materiais já aplicados, exemplo disso é o bloco de cimento, ou mesmo o vulgar tijolo, ainda as janelas de alumínio são outro exemplo da falta de cuidado na escolha dos materiais adequados.

Esta questão que originou alguma perda de património ou o seu desleixo pode ser analisada através da sua vertente social, quer isto dizer que, as intervenções efetuadas surgiram na sequência de um grande número de habitantes castrejos ter abandonado o país e, tendo adquirido possibilidade para realizar obras na terra Natal, assim o fizeram, na medida do que aparentava ser estético e correto, à altura.

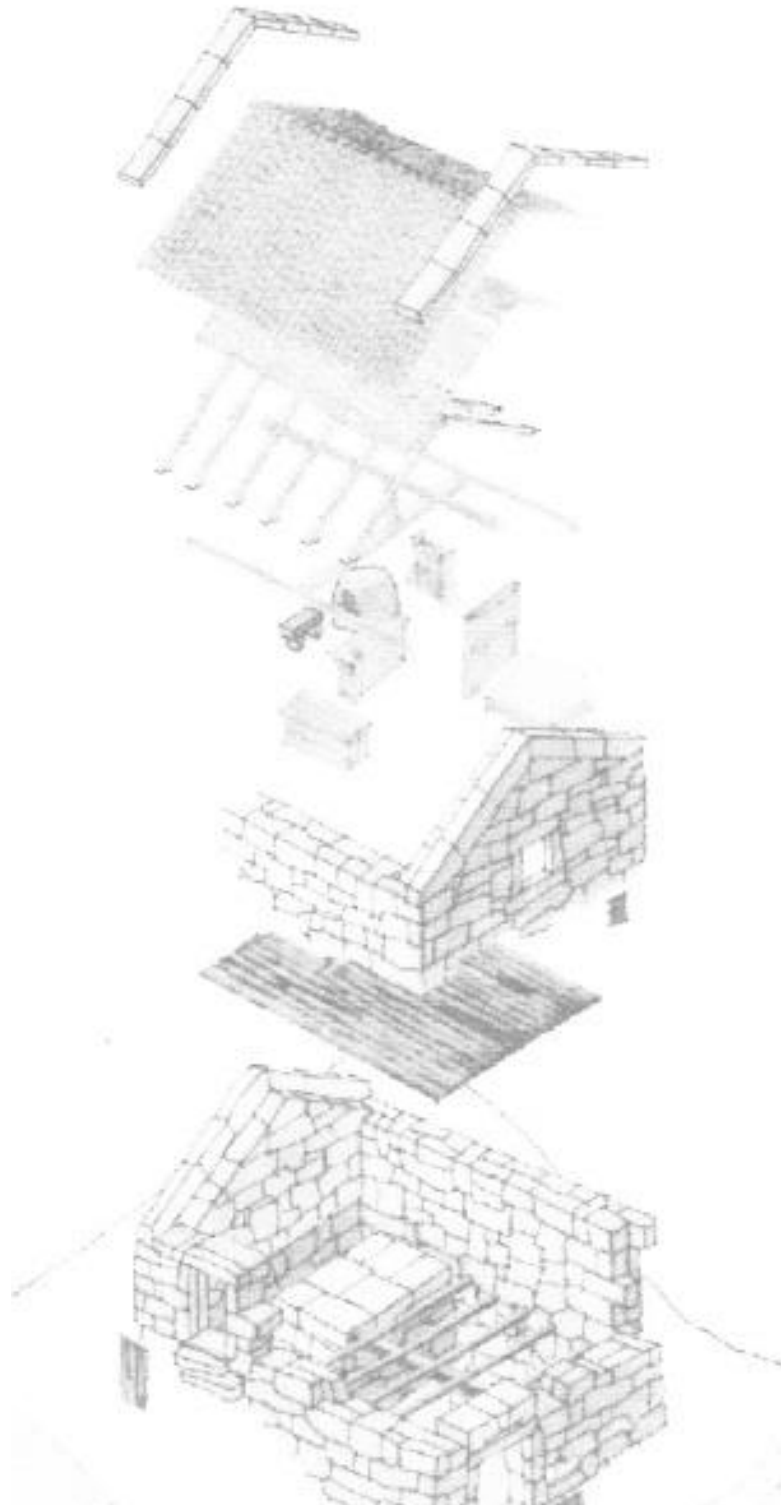


Figura 4 Axonometria explodida. (Território, povoamento e construção: manual para as regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês, 1999)

4. ESTUDO DE CASO

O estudo de caso foca os quatro tópicos propostos nos objetivos e apresenta a análise do tratamento dos dados recolhidos mediante a metodologia.

4.1. Ciclo de vida

De acordo com o que já foi explorado em relação à análise do ciclo de vida neste caso da construção, como um todo, comportando brandas e inverneiras, esta mesma análise será feita com recurso a um gráfico que procura ser elucidativo do panorama que se está a verificar.

Neste caso particular a análise de ciclos de vida relaciona-se com a evolução das brandas e das inverneiras num contexto de desocupação e abandono, bem como a aplicação do conceito de reabilitação urbana que está relacionado com algumas destas.

Antes de mais a análise recaí sobre conceitos distintos, o conceito de construção e o de reabilitação. O termo construção diz respeito a toda e qualquer edificação que tenha sido erigida de raiz, desde o momento zero, enquanto, o conceito de reabilitação está relacionado com a necessidade que estas mesmas construções vão tendo ao longo do tempo com vista na melhoria das suas funções/características ou mesmo com a necessidade de conservação das mesmas.

Desta forma a construção foi crescendo com o passar dos anos, na freguesia de Castro Laboreiro sendo a reabilitação respeitante a uma percentagem mínima, no entanto, devido ao grande momento de migratório que se verificou, houve um grande declínio, tal como ilustrado. Passado relativamente pouco tempo, houve novamente uma ligeira subida no que respeita à construção relativa a novas habitações por parte dos castrejos emigrados mas rapidamente a construção entrou novamente em declínio sendo este o panorama atual. Contudo a construção não é uma necessidade nesta freguesia sendo a reabilitação uma solução viável para a quantidade de habitações existentes e foi também esta tendência que ganhou alguma significância aquando do ‘regresso’ dos emigrantes. A reabilitação é assim o cenário mais favorável no que concerne ao ciclo de vida desta realidade – conforme Gráfico 1 Ciclo de vida. (Realização própria, 2014)

As linhas a amarelo, verde e azul funcionam como valores de ordenadas, isto é: a linha a amarelo define o apogeu da construção, ou seja, identifica o máximo; contrariamente a linha

a azul claro corresponde a uma situação na qual a reabilitação não era ainda uma realidade com manifesto. A linha a verde identifica o meio-termo que permite observar que em termos quantitativos a construção tem muito maior significância.

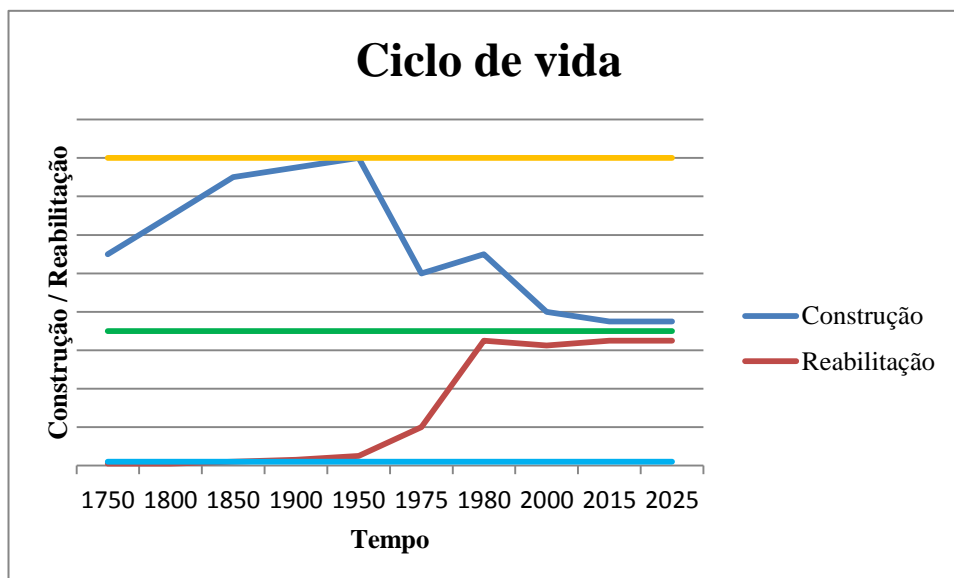


Gráfico 1 Ciclo de vida. (Realização própria, 2014)

A análise do ciclo de vida permite ainda o levantamento de uma questão relacionada com a sazonalidade, estabelecendo um certo paralelismo entre a sazonalidade de antigamente, que não era mais do que uma necessidade dos tempos – transumância, e a sazonalidade da atualidade que se relaciona com a disponibilidade e com as condições meteorológicas para a visita dos turistas ao Parque.

A acompanhar o ciclo de vida apresenta-se o Gráfico 2, que apresenta o panorama que se tem vindo a verificar em Castro Laboreiro em termos populacionais.

O recurso a estatísticas do Instituto Nacional de Estatísticas revela o que já foi referido, que há uma tendência global para o abandono da área pertencente ao Parque Nacional Peneda-Gerês e, desta forma também a análise recaí sobre uma situação de crescente abandono agrícola e local.

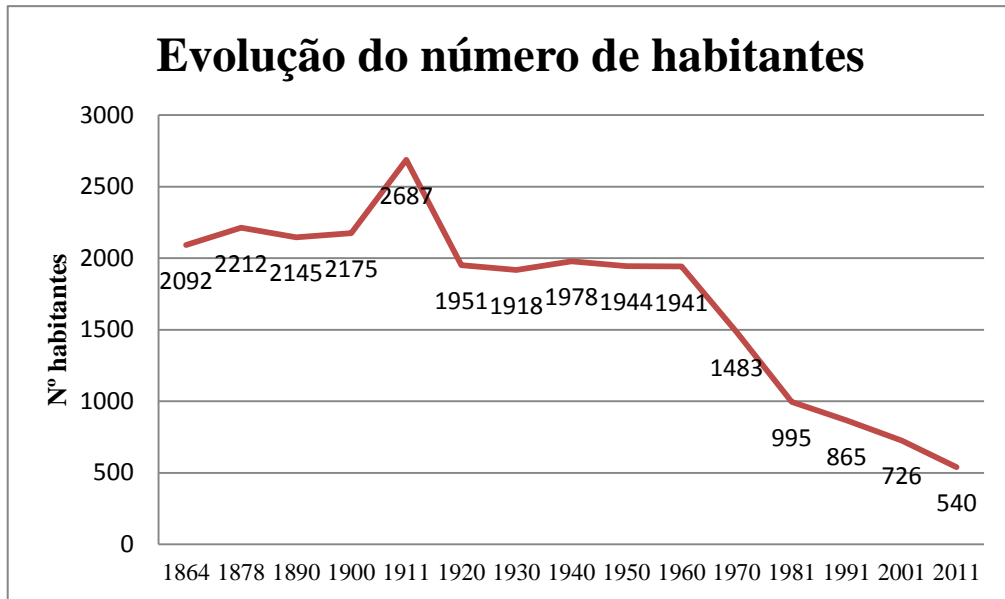


Gráfico 2 Evolução do número de habitantes. (Instituto Nacional de Estatística, 2011)

4.2. Imagem

Por uma questão de simplificação o levantamento e descrição serão efetuados por ordem, inicialmente as brandas e seguidamente as inverneiras, sendo ambas organizadas por ordem alfabética, sendo este o único critério aplicado.

a. Branda de A-do-Freire



Figura 5 Branda de A-do-Freire. (Fonte própria, 2014)

Na atualidade, pouco resta da branda de A-do-Freire - Figura 5, sucessivas intervenções e novas construções fizeram com que o património dificilmente se encontre. Trata-se de um lugar renovado com estreitas ligações ao passado.

b. Branda de Antões



Figura 6 Branda de Antões. (Fonte própria, 2014)

Nesta branda não foi possível encontrar ninguém, os sinais de abandono são evidentes, tal como mostra a Figura 6.

Existe, no entanto, uma microempresa com sede neste lugar, trata-se de um fumeiro regional onde, durante o ano, exceto no Verão, tem cerca de 5 trabalhadores.

b. Branda de Campelo



Figura 7 Branda de Campelo. (Fonte própria, 2014)

c. Branda de Curral do Gonçalo



Figura 8 Branda de Curral do Gonçalo. (Fonte própria, 2014)

Trata-se de uma das maiores brandas da freguesia. Curral do Gonçalo (Figura 8) localiza-se numa encosta, sendo possível visualizar, ainda, sinais dos tempos que correm e da, ainda, prática agrícola.

d. Branda de Eiras



Figura 9 Branda de Eiras. (Fonte própria, 2014)

Eiras era, no passado, a zona de Castro Laboreiro onde os campos de centeio eram maiores, daí a proveniência do nome que está relacionado com o local onde se guardava o mesmo - Figura 9.

e. Branda de Falagueiras



Figura 10 Branda de Falagueiras. (Fonte própria, 2014)

Da mesma forma que A-do-Freire e Campelo, a branda de Falagueiras exhibe sinais das mudanças dos tempos, estando bastante reestruturada e alterada em relação à gênese das edificações – ver Figura 7, Figura 5 e Figura 10.

f. Branda de Formarigo



Figura 11 Branda de Formarigo. (Fonte própria, 2014)

Situação semelhante à descrita na branda anterior pode verificar-se em Formarigo, Figura 11 em Padrosoiro, Figura 12.

g. Branda de Padrosoiro



Figura 12 Branda de Padrosoiro. (Fonte própria, 2014)

h. Branda da Portela

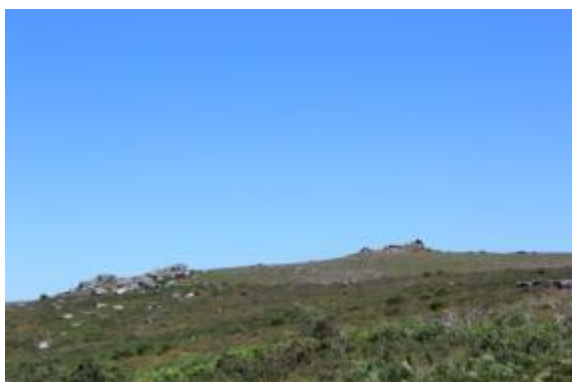


Figura 13 Branda da Portela. (Fonte própria, 2014)

A Branda da Portela, Figura 13, tem atualmente um trilho pedestre que permite vislumbrar uma extensa área da freguesia de Castro Laboreiro, tal é possível devido à altitude a que esta se situa.

i. Branda de Portos



Figura 14 Branda de Portos. (Fonte própria, 2014)

Esta branda divide-se em duas, sendo elas: Portos de Cima e Portos de Baixo, de acordo com a sua cota. Foi possível, aqui, encontrar uma edificação cujo telhado ainda é de colmo - Figura 14.

j. Branda do Rodeiro



Figura 15 Branda do Rodeiro. (Fonte própria, 2014)

Esta é uma branda muito grande e muito organizada - Figura 15. Contempla ainda alguns habitantes que praticam a agricultura e a pecuária. As casas agrupam características antigas, havendo também algumas casas mais recentes edificadas de raiz. Tal como indicado no Quadro 3 Transumância branda-inverneira os habitantes desta branda mudavam para várias inverneiras distintas dada a dimensão da mesma.

k. Branda da Seara



Figura 16 Branda da Seara. (Fonte própria, 2014)

Esta branda encontra-se habitada por apenas duas pessoas, familiares, mãe e filha com idades já avançadas, Figura 16. Nos meses mais frios as habitantes transumam entre outras, para a inverneira de Bico, sendo para esta que as habitantes ainda mudam.

l. Branda do Teso



Figura 17 Branda do Teso. (Fonte própria, 2014)

Encontra-se esta branda ao abandono, não tendo sido possível contactar com nenhum habitante ou visitante - Figura 17.

m. Inverneira de Alagoa



Figura 18 Inverneira de Alagoa. (Fonte própria, 2014)

Neste lugar foi possível encontrar algumas particularidades, nomeadamente o forno e um antigo carro de bois - Figura 18.

n. Inverneira da Ameijoeira



Figura 19 Inverneira da Ameijoeira. (Fonte própria, 2014)

Esta é a última inverneira antes da entrada em território espanhol, encontrando-se este a cerca de 100m de distância. Apresenta uma herança material típica da época da sua edificação, no entanto as habitações sofreram intervenções que procuraram melhorar as condições de habitabilidade, tendo sido feitas sem qualquer cuidado a nível urbano e estético.

Na atualidade encontra-se parcialmente abandonada (Figura 19), existindo um pequeno número de habitantes que decidiram estabelecer-se na fase de aposentamento.

o. Inverneira da Assureira



Figura 20 Inverneira da Assureira. (Fonte própria, 2014)

Para aceder à inverneira da Assureira - Figura 20, tem que se passar pela chamada ‘Ponte da Assureira’, sendo este um local de beleza sui generis. Existe ainda um moinho que não está, atualmente, a funcionar, mas que no passado se apresentava muito útil.

A imagem permite observar algum pormenor construtivo, neste caso o aumento realizado em termos de pé direito da habitação.

p. Inverneira de Bago de Baixo



Figura 21 Inverneira de Bago de Baixo. (Fonte própria, 2014)

Esta inverneira encontra-se totalmente abandonada - Figura 21.

q. Inverneira de Bago de Cima

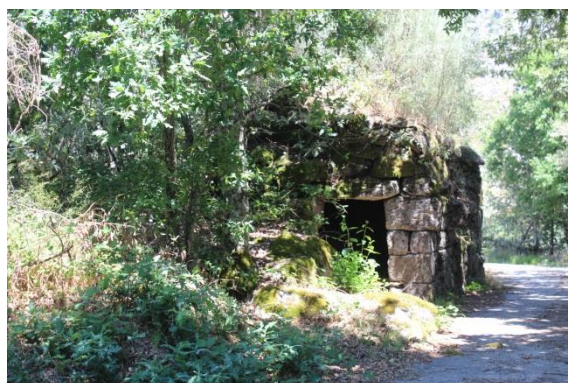


Figura 22 Inverneira de Bago de Cima. (Fonte própria, 2014)

Bago de Cima - Figura 22, trata-se de um dos lugares que maior dificuldade apresentou em encontrar. Localiza-se bastante reconditamente e são evidentes os sinais de abandono completo.

r. Inverneira de Barreiro de Baixo



Figura 23 Inverneira de Barreiro de Baixo. (Fonte própria, 2014)

É possível encontrar uma habitação totalmente reabilitada, no entanto esta é uma situação singular no conjunto da inverneira - Figura 23.

s. Inverneira de Barreiro de Cima



Figura 24 Inverneira de Barreiro de Cima. (Fonte própria, 2014)

Encontra-se, tal como Bago de Cima, ao abandono - Figura 24.

t. Inverneira de Bico



Figura 25 Inverneira de Bico. (Fonte própria, 2014)

Existe nesta branda um forno comunitário, sendo este um entre outros que existem espalhados pela freguesia. Existem bastantes sinais de recuperação já com alguns anos - Figura 25.

u. Inverneira de Cainheiras



Figura 26 Inverneira de Cainheiras. (Fonte própria, 2014)

A Inverneira de Cainheiras encontra-se em bom estado de conservação - Figura 26. Existe neste lugar uma pequena capela à qual os habitantes ainda recorrem e onde ainda se celebra uma pequena festividade aquando a chegada dos emigrantes, na época de Verão.

v. Inverneira da Curveira



Figura 27 Inverneira da Curveira. (Fonte própria, 2014)

A entrada nesta inverneira é assinalada por uma fonte e um poço. Existem bastantes sinais de recuperação já com alguns anos - Figura 257.

w. Inverneira da Dorna



Figura 28 Inverneira da Dorna. (Fonte própria, 2014)

Conforme mostra a Figura 28 esta é uma das inverneiras mais bonitas e bem estruturadas da freguesia e que está totalmente ao abandono.

x. Inverneira da Entalada



Figura 29 Inverneira da Entalada. (Fonte própria, 2014)

No lugar da Entalada foi possível encontrar algumas habitações abandonadas mas também casos de habitações recuperadas e com bastante sentido estético e enquadradas no ambiente - Figura 29.

y. Inverneira de João Alvo



Figura 30 Inverneira de João Alvo. (Fonte própria, 2014)

João Alvo (Figura 30) é, de facto, uma inverneira muito pequena e na qual não foi possível encontrar sinal de habitabilidade senão sazonal.

z. Inverneira de Laceiras



Figura 31 Inverneira de Laceiras. (Fonte própria, 2014)
Encontra-se totalmente ao abandono - Figura 31.

aa. Inverneira de Mareco



Figura 32 Inverneira do Mareco. (Fonte própria, 2014)

Neste lugar foi possível encontrar três habitantes. Tratam-se de ex-emigrantes que voltaram às origens para usufruir da reforma.

A herança patrimonial é evidente apesar das sucessivas intervenções construtivas - Figura 32.

bb. Inverneira de Pôdre



Figura 33 Inverneira da Pôdre. (Fonte própria, 2014)

A Figura 33 e a Figura 34 mostram inverneiras ao abandono, espelho da desertificação que se vai manifestando cada vez mais.

cc. Inverneira de Pontes



Figura 34 Inverneira de Pontes. (Fonte própria, 2014)

dd. Inverneira do Queimadelo



Figura 35 Inverneira de Queimadelo. (Fonte própria, 2014)

Situação semelhante às brandas de Falagueiras, Campelo, Queimadelo apresenta-se conforme a Figura 35.

ee. Inverneira da Ramisqueira



Figura 36 Inverneira da Ramisqueira. (Fonte própria, 2014)

Trata-se de uma inverneira muito pequena na qual não foi possível o contacto com nenhum habitante, havendo até a possibilidade e não existirem habitantes - Figura 36.

gg. Inverneira da Varziela

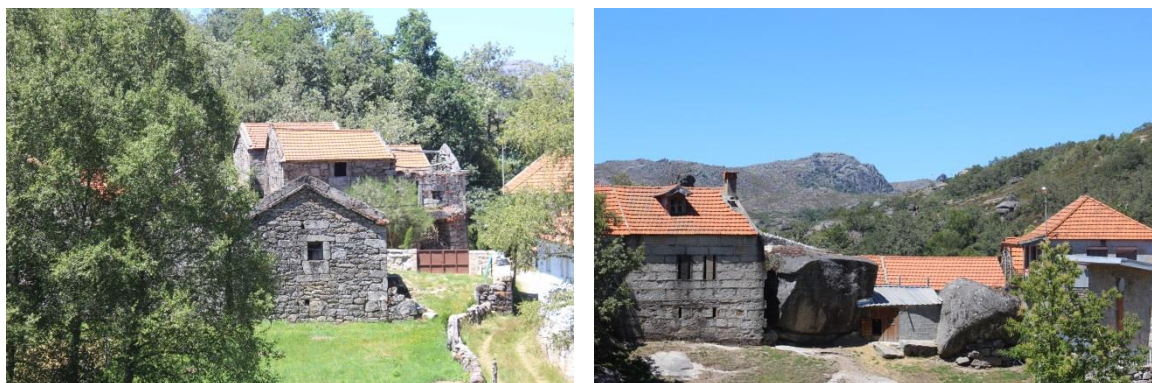


Figura 37 Inverneira da Varziela. (Fonte própria, 2014)

Este foi o local onde se puderem observar pelo menos duas habitações reabilitadas com especial atenção em manter os padrões. Tratam-se de habitações destinadas ao turismo rural - Figura 37.

As informações provenientes das descrições acima permitem a formação de um quadro resumo que explore informações tais como: localização, utilização, estado de conservação.

Designação	Tipologia	Localização	Estado maioritário de ocupação	Estado maioritário de conservação
A-do-Freire	Branda	42.055485; -8.148097	Praticamente abandonada	Bom
Alagoa	Inverneira	41.99398; -8.171049	Abandonada	Mau
Ameijoeira	Inverneira	41.98507; -8.158401	Habitada	Bom
Antões	Branda	42.05542; -8.141701	Abandonada	Mau
Assureira	Inverneira	42.002476; -8.166539	Abandonada	Mau

Bago de Baixo	Inverneira	41.996548; -8.158892	Habitado	Mau
Bago de Cima	Inverneira	42.000633; -8.157645	Abandonado	Ruínas
Barreiro de Baixo	Inverneira	42.007664; -8.179752	Habitado	Bom
Barreiro de Cima	Inverneira	42.008957; -8.169323	Abandonado	Mau
Bico	Inverneira	42.021065; -8.1462244	Habitado	Bom
Cainheiras	Inverneira	42.023834; -8.141971	Habitada	Bom
Campelo	Branda	42.031803; -8.134421	Habitada	Bom
Curral de Gonçalo	Branda	42.032963; -8.127951	Habitada	Bom
Curveira	Inverneira	42.012928; -8.151893	Habitada	Bom
Dorna	Inverneira	41.992092; -8.169444	Abandonada	Mau
Eiras	Branda	42.02706; -8.130871	Habitada	Bom
Entalada	Inverneira	41.988697; -8.171233	Parcialmente recuperada/ Turismo	Mau
Falagueiras	Branda	42.05243; -8.150459	Habitada	Bom
Formarigo	Branda	42.035057; -8.142815	Habitada	Bom
João Alvo	Inverneira	42.009914; -8.1666765	Abandonado	Bom
Laceiras	Inverneira	42.01765; -8.164076	Abandonado	Mau

Mareco	Inverneira	41.98364; -8.164798	Habitada	Bom
Padrosoiro	Branda	42.024937; -8.127294	Habitada	Bom
Pôdre	Inverneira	42.001072; -8.166686	Abandonado	Mau
Pontes	Inverneira	41.98817; -8.163465	Abandonada	Mau
Portela	Branda	42.037296; -8.146615	Habitada	Bom
Portos	Branda	42.029053; -8.119997	Habitada	Bom
Queimadelo	Inverneira	42.054466; -8.149252	Habitada	Bom
Ramisqueira	Inverneira	42.01686; -8.163744	Abandonado	Mau
Rodeiro	Branda	42.05467; -8.139372	Habitada	Bom
Seara	Branda	42.021813; -8.123211	Praticamente abandonada	Mau
Teso	Branda	42.036533; -8.140257	Abandonada	Mau
Varziela	Inverneira	42.02564; -8.144965	Abandonada / Turismo	Mau

Quadro 4 Síntese informação – Brandas e Inverneiras na freguesia de Castro Laboreiro. (Realização própria, 2014)

A classificação relativa ao estado de conservação não obedece a qualquer critério objetivo senão a ótica do autor mediante o panorama encontrado aquando do trabalho de campo desenvolvido ao longo do tempo.

As coordenadas encontram-se num sistema denominado pelos entendidos de graus decimais.

4.3. Inquéritos

Responderam aos inquéritos 40 pessoas encontradas aleatoriamente na freguesia de Castro Laboreiro, sendo a maior parte correspondente a habitantes da mesma.

O respetivo inquérito realizado encontra-se em anexo.

Os dados foram migrados para o *software Microsoft Excel* onde foram devidamente tratados e, através da funcionalidade de construção de gráficos, permitem a retirada de conclusões visualmente mais atrativas.

Relativamente à pergunta sobre quantas brandas e inverneiras existem na freguesia de Castro Laboreiro a maioria dos inquiridos tem conhecimento do seu número, o que evidencia o saber que no geral as pessoas têm em relação a este sistema habitacional tão antigo e típico, de acordo com Gráfico 3.

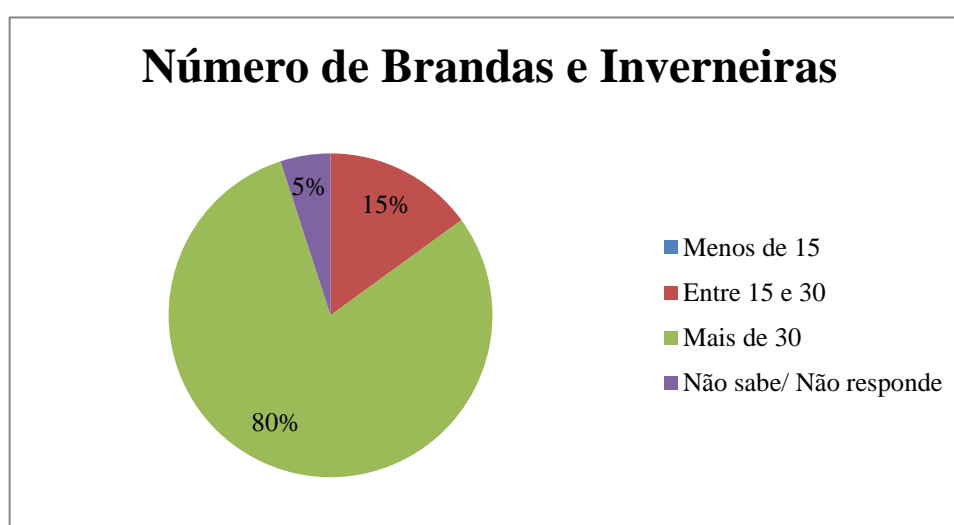


Gráfico 3 Número de Brandas e Inverneiras. (Realização própria, 2014)

Este sistema está intimamente ligado com a prática de atividade pecuária, desta forma à questão relativa à distância/raio de ação em quilómetros que separa as habitações dos campos de cultivo a resposta 'Até 1Km' dada por uma quantidade significativa de pessoas, inclui outras respostas dadas cujo significado é o mesmo, tais como 'Ao lado', 'A metros de casa'.

Os terrenos de família estavam mesmo ao lado das habitações e, por esse motivo, as distâncias percorridas para a lavoura eram manifestamente reduzidas, como se efetiva no Gráfico 4.

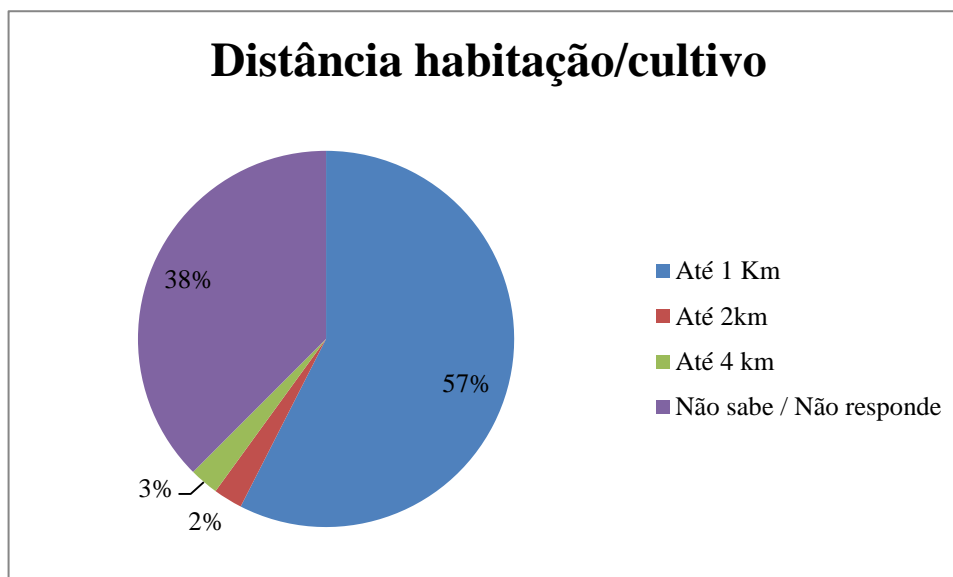


Gráfico 4 Distância habitação/cultivo. (Realização própria, 2014)

Respeitante à quantidade de famílias que em Castro Laboreiro ainda recorre a esta prática habitacional a maioria das respostas caiu sobre o menor intervalo - Gráfico 5.

Do que o trabalho de campo permitiu averiguar serão, no momento, apenas cerca de 10 famílias, no total da freguesia, que ainda recorrem à transumância para procurar o conforto.

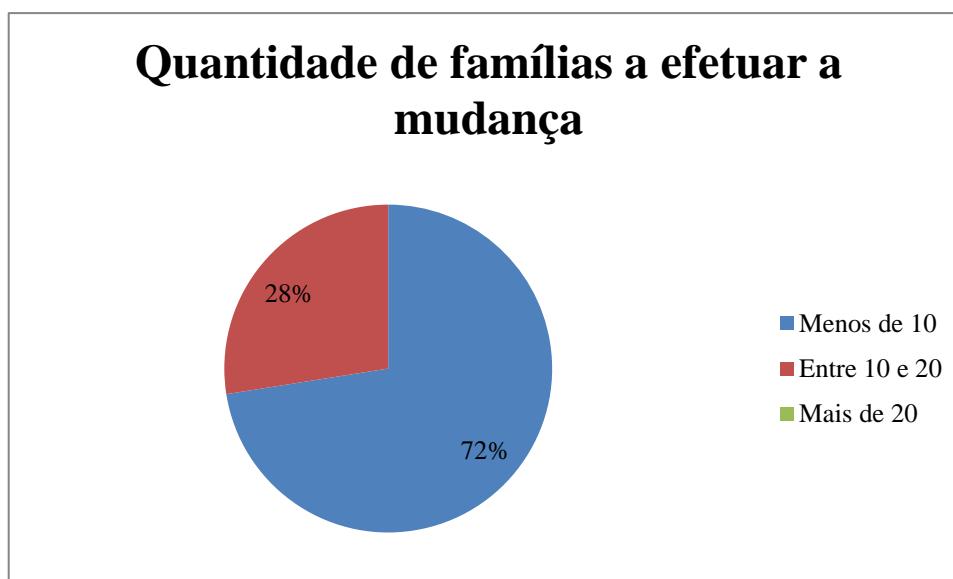


Gráfico 5 Famílias que efetuem a mudança. (Realização própria, 2014)

Quanto à pergunta relativa ao ano/período de construção de um determinado lugar ou de um determinado conjunto, as respostas não foram de todo conclusivas uma vez que a esmagadora maioria disse não saber, tendo sido dadas algumas, vagas, respostas indicando cerca de 500 anos, no entanto, sabe-se que serão certamente mais antigas.

Mediante a questão relativa aos motivos do abandono do sistema de brandas e inverneiras foi pedido aos inquiridos que organizassem 3 possíveis motivos do abandono por ordem da sua importância para o mesmo.

O Gráfico 6 reflete o motivo indicado como o mais representativo para o abandono das brandas e das inverneiras, e diz respeito ao abandono da prática da pecuária. A resposta ‘Outros’ também é significativa e inclui justificações tais como a emigração, a desertificação, a economia, o atraso na evolução, a incompatibilidade com os estudos e a falta de meios.

Os motivos fornecidos não são independentes, isto é, constituem um conjunto de razões pelas quais a população foi abandonando as brandas e as inverneiras, fazendo parte do mesmo assunto, quer isto dizer que estão interligadas intimamente.

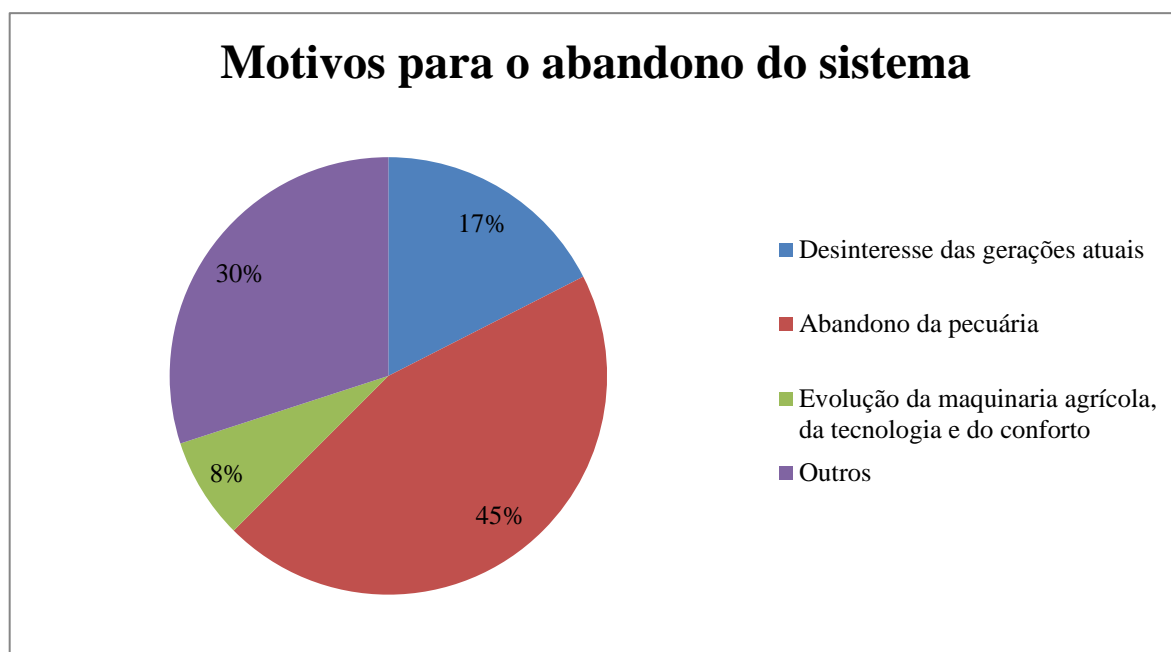


Gráfico 6 Motivos para o abandono do sistema. (Realização própria, 2014)

Em relação aos dados pessoais dos inquiridos, dada a dificuldade de encontrar pessoas quer nas brandas, quer nas inverneiras, tal como Gráfico 7 esclarece, a maioria dos inquiridos não habita neste sistema de brandas/inverneiras. Existe uma percentagem de inquiridos que

referiu não viver, no entanto, recorria às mesmas para passar férias ou fins de semana, havendo ainda casos de pessoas que passam x meses por ano, por opção.



Gráfico 7 Percentagem de habitantes das brandas / inverneiras. (Realização própria, 2014)

Dos inquiridos que afirmaram viver nas brandas/inverneiras, 85% fazem-no há muitos anos, ou mesmo desde sempre por questões matrimoniais, familiares e de tradição.

Quanto à questão relativa ao sexo, a maioria dos inquiridos pertence ao sexo feminino (Gráfico 8) e, neste caso, para a população mais velha, é um fenómeno que se compreende facilmente se se atentar à quantidade de emigrantes que saíram de Castro Laboreiro. Assim, os homens partiram com objetivo de melhorar as suas vidas e as mulheres permaneceram, algumas até agora.

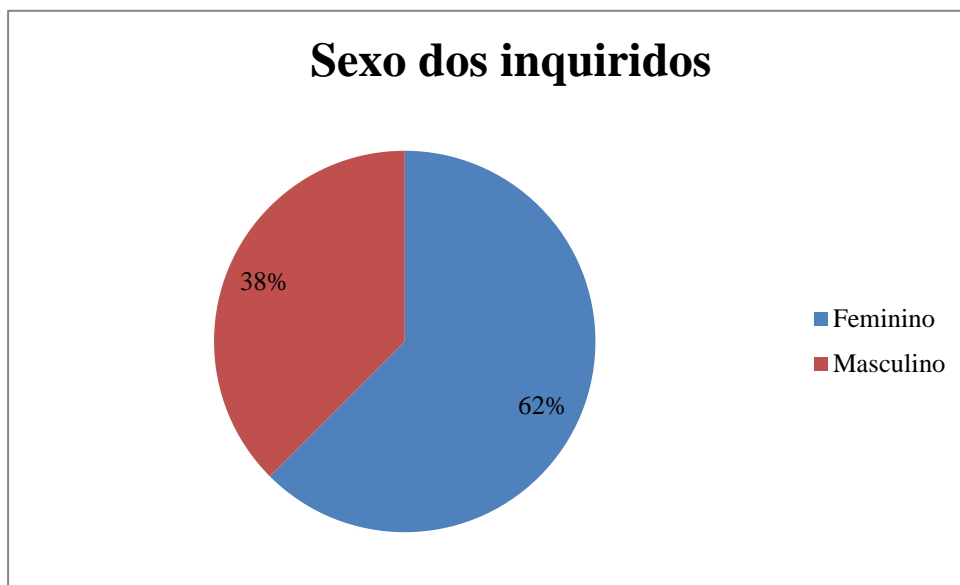


Gráfico 8 Sexo dos inquiridos. (Realização própria, 2014)

Na questão respeitante à idade dos inquiridos, apesar da média de idades dos inquiridos ser de 59 anos, soa pertinente apresentar os dados na forma de faixa etária em vigor, assim verifica-se que, de fato, se está perante uma população maioritariamente envelhecida - Gráfico 9.

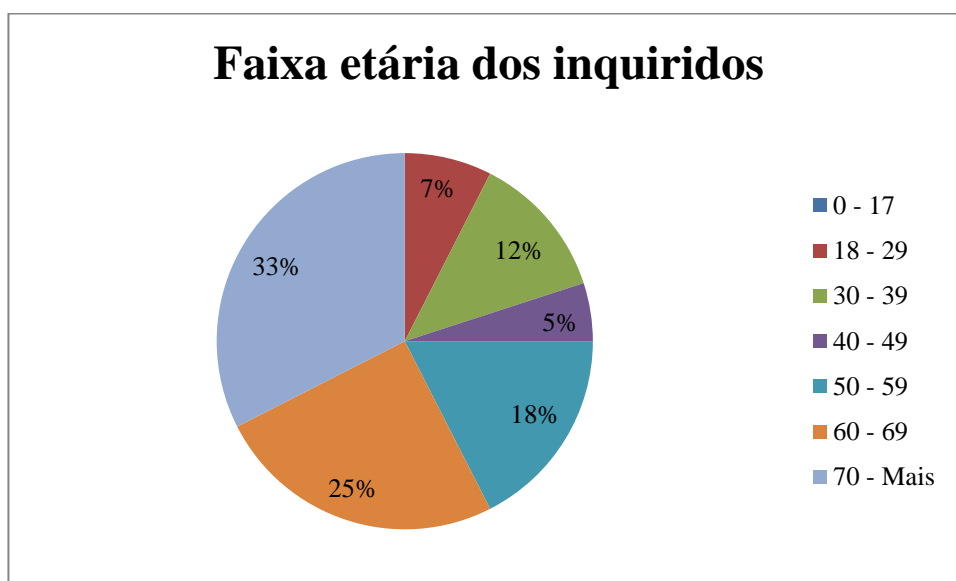


Gráfico 9 Idade dos inquiridos. (Realização própria, 2014)

Relativamente à pergunta referente à escolaridade, os resultados coincidem com o expectável uma vez que a população residente em Castro Laboreiro é, na sua maioria, pouco instruída, tal como ilustra o Gráfico 10. Verifica-se no entanto, na atualidade, alguns casos de jovens com estudos que se estabeleceram na freguesia e que procuram contribuir para a sua evolução.

No passado não havia possibilidade de se continuarem os estudos, sendo o trabalho uma prioridade desde muito cedo.

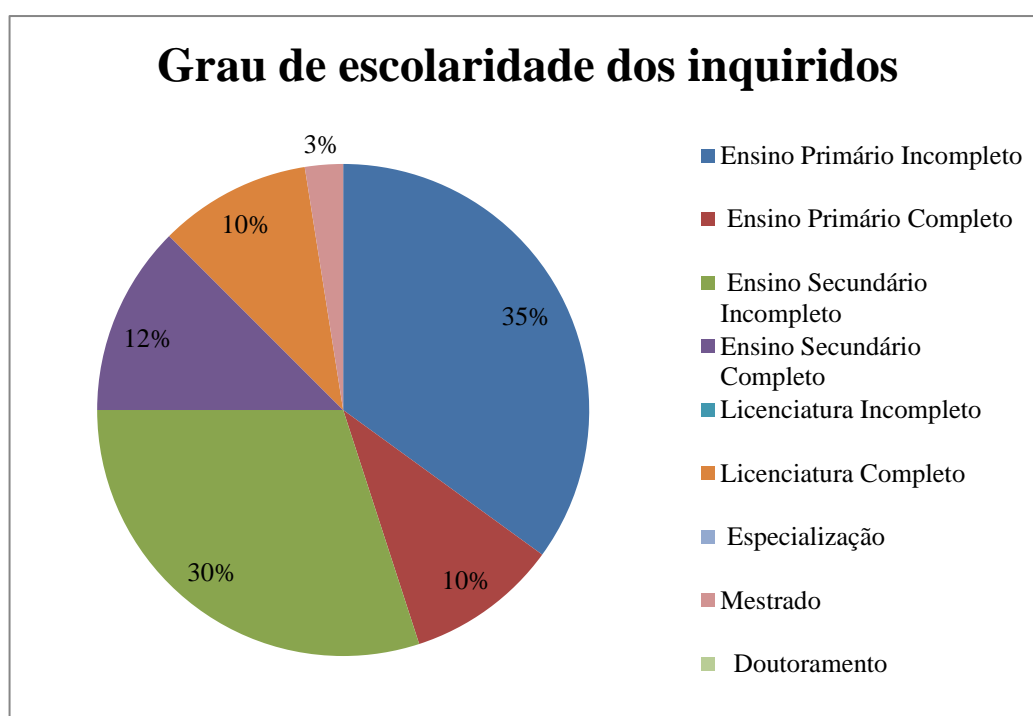


Gráfico 10 Grau de escolaridade dos inquiridos. (Realização própria, 2014)

À pergunta acerca da situação profissional, a maioria dos inquiridos afirmou encontrar-se já aposentados, indo esta informação de encontro a anteriores, nomeadamente a idade dos inquiridos. Nenhum dos inquiridos se encontra na situação de contratado a prazo e que, a percentagem de desempregados é também muito baixa apesar de se tratar do Alto Minho, de acordo com Gráfico 11.

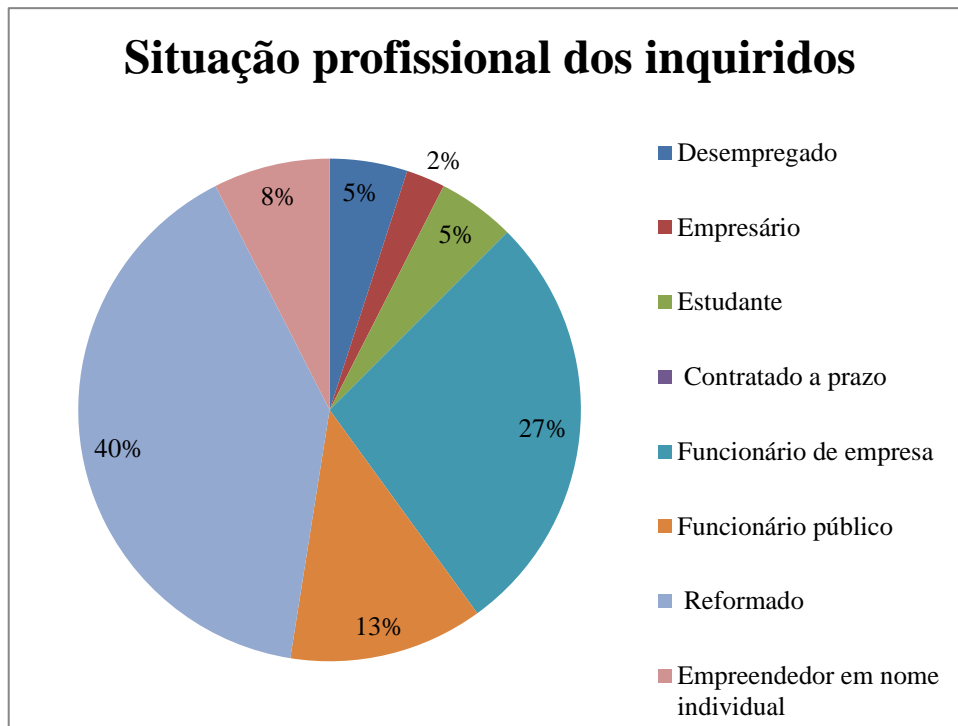


Gráfico 11 Situação profissional dos inquiridos. (Realização própria, 2014)

Em termos de atividade profissional, uma vez que não é uma resposta fácil de agrupar é importante revelar que maior parte das pessoas que se identificaram como reformadas foram, em tempos, trabalhadores da agricultura. Existem ainda algumas situações de emigrantes cujos trabalhos eram de construção civil. Também se verificam casos de empregados de balcão/mesa, uma vez que são uma realidade no centro de Castro Laboreiro. Outras profissões são ainda indicadas não sendo significativas.

Quanto à questão relativa ao rendimento bruto mensal por família, o cenário já havia sido pensado e que tem a ver com as questões sociais do ambiente em estudo. Os habitantes de Castro Laboreiro são tendencialmente reservados e, por isso, optaram, na sua maioria por não responder à questão - Gráfico 12.

No entanto, através das escassas respostas que indicam valores pode observar-se que o cenário é bastante positivo uma vez que as pessoas recebem em média mais do que o salário mínimo nacional.

Rendimento total bruto mensal por família

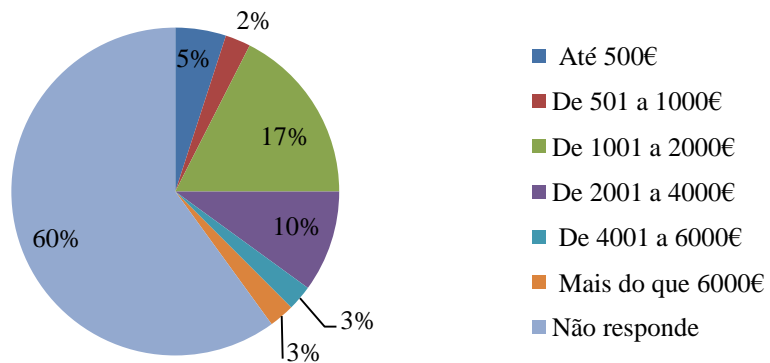


Gráfico 12 Rendimento total bruto mensal por família. (Realização própria, 2014)

4.4. Mapeamento - SIG

Neste caso em particular as coordenadas geográficas onde se localizam tanto brandas como inverneiras foram recolhidas através de um aparelho GPS e, depois disso, importadas juntamente com a cartografia fornecida pelo Instituto Geográfico do Exército Português para o programa. O resultado final pretende fornecer uma visão ampla da localização destas edificações, nomeadamente a forma como estão distribuídas - Figura 38.

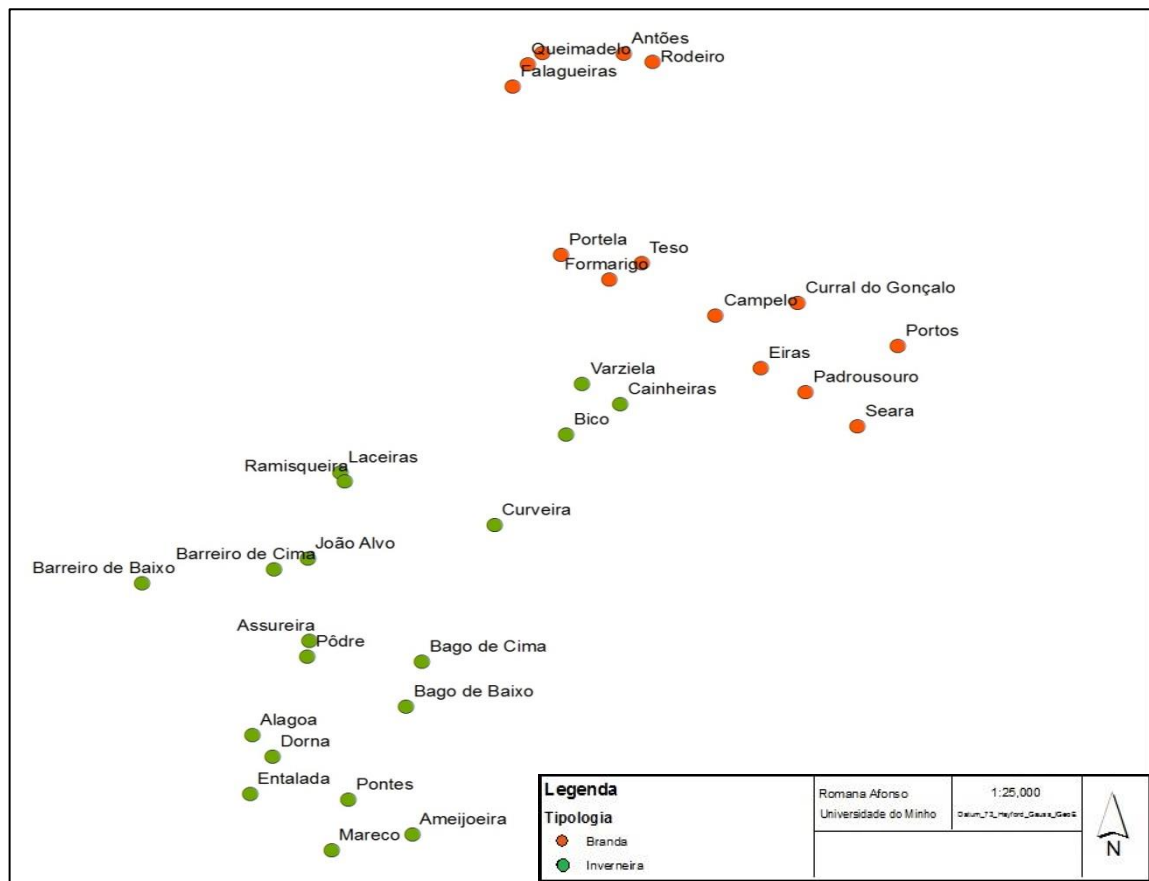


Figura 38 Brandas e inverneiras na freguesia de Castro Laboreiro – distribuição (Realização própria em ArcMap, 2014)

O *software* fornece ainda a possibilidade de desenharas rotas que os castrejos efetuavam aquando da mudança, no entanto isto conduziria a um mapa bastante complexo e pouco atrativo sob o ponto de vista visual/estético. No entanto, o conhecimento da localização dos pontos, e a ferramenta (*Measure*) que o programa disponibiliza para medir distância, em linha reta, permite, com menos rigor, saber a escala de valores entre os quais se efetuavam as mudanças. Esta ferramenta exhibe algumas limitações, nomeadamente, a não condução a valores

totalmente reais de deslocações entre brandas e inverneiras. Os dados apresentam-se em Quadro 5. Em termos médios a distância encontra-se na ordem dos 6 Km.

Movimento de: Branda	Movimento para: Inverneira	Distância (Km)
A-do-Freire	Assureira	7,70
	Dorna	9,29
	Ramisqueira	5,43
Antões	Assureira	8,40
Campelo	Ameijoeira	7,49
	Cainheiras	1,46
	Curveira	3,43
	Mareco	7,97
Curral de Gonçalo	Ameijoeira	8,37
	Entalada	8,59
Eiras	Ameijoeira	7,02
	Bago de Baixo	5,53
Falagueiras	Assureira	8,03
	Dorna	9,29
	Ramisqueira	5,80
Formarigo	Alagoa	7,02
	Curveira	3,52
	Entalada	7,69
	Laceiras	3,53
	Mareco	8,19
	Pontes	7,62
Padrosoiro	Bago de Baixo	5,52
	Bico	2,19
	Cainheiras	1,64
Portela	Varziela	1,76
Portos	Cainheiras	2,57
	Curveira	4,29
Rodeiro	Alagoa	9,56
	Assureira	8,21
	Bago de Cima	8,29
	Dorna	9,79
	Entalada	10,33
	Laceiras	6,05
	Pôdre	8,57
	Ramisqueira	5,94
Seara	Bago de Baixo	5,49
	Bico	2,56
	Cainheiras	2,11
	Curveira	3,46
	Dorna	6,81
Teso	Entalada	7,95
	Laceiras	3,94

Quadro 5 Distâncias brandas-inverneira na freguesia de Castro Laboreiro (Realização própria, 2014)

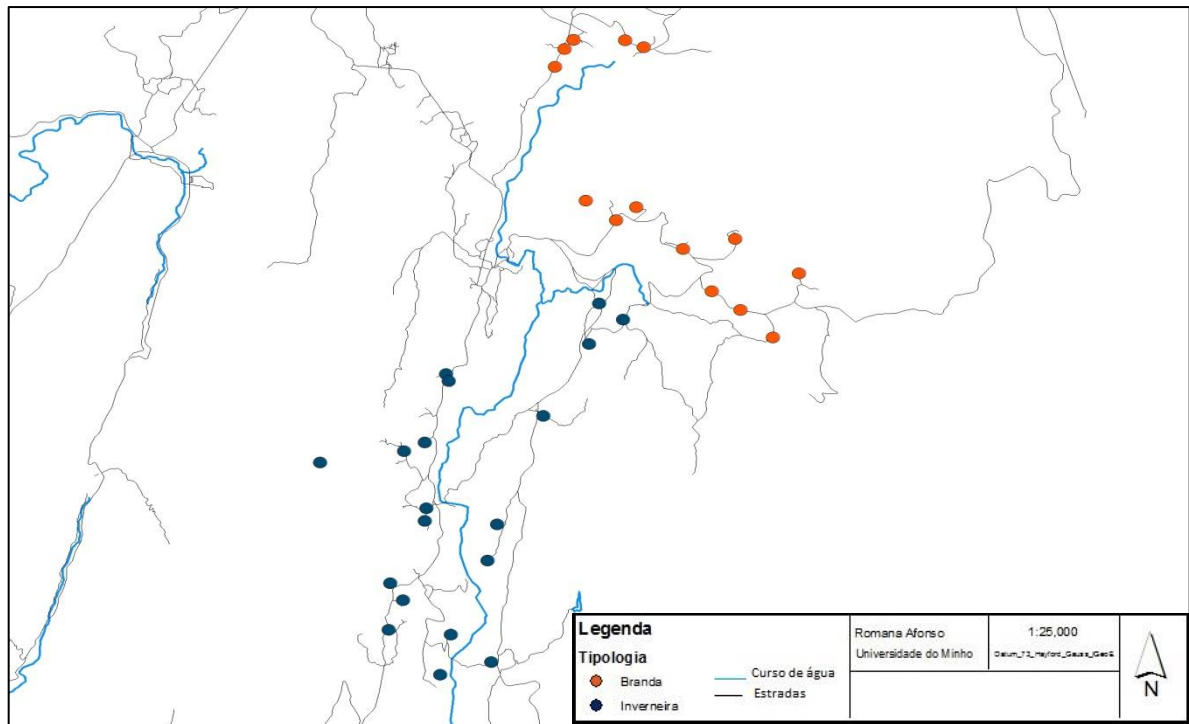


Figura 39 Brandas e inverneiras na freguesia de Castro Laboreiro - rede hídrica e viária (Realização própria em ArcMap, 2014)

Através do conhecimento do relevo do terreno é possível incluir no mapa uma escala de cores elucidativa das altitudes a que se encontram brandas e inverneiras.

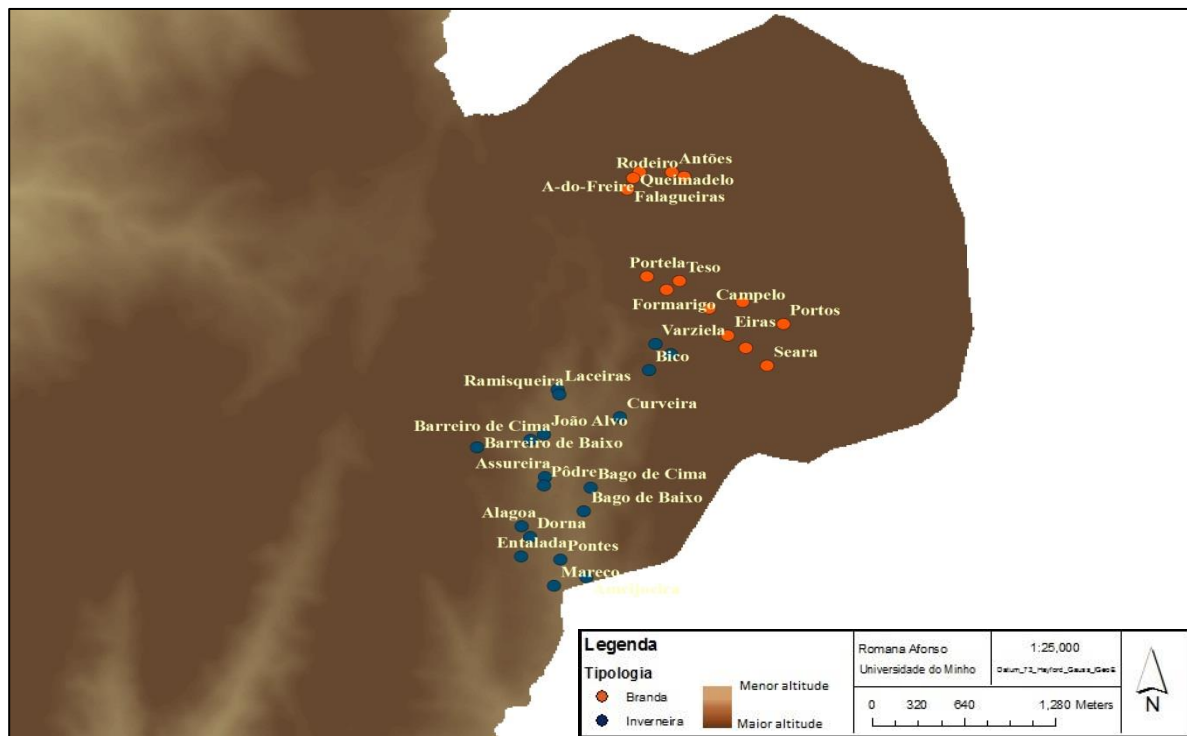


Figura 40 Brandas e inverneiras na freguesia de Castro Laboreiro – relevo do terreno (Realização própria em ArcMap, 2014)

5. CONCLUSÃO

As análises realizadas permitiram constatar a importância/potencial que todo este legado edificado tem, e a partir do qual não se está a tirar qualquer tipo de proveito uma vez que o Plano de Ordenamento do Território nada prevê em relação a esta temática.

Apesar de toda a área do Parque Nacional estar a ser monitorizada e vigiada, esta é uma temática para a qual não existe um plano de ação com vista à reabilitação ou conservação, o que se indicia algum desleixo em relação ao património.

A análise dos ciclos de vida foi feita com base no levantamento efetuado e verificou-se surpreendente sob o ponto de vista das expectativas apontarem para uma quantidade representativa de brandas/inverneiras reabilitadas e, na realidade esse cenário não se verificou.

No que corresponde à imagem e a esta analogia que se pretendia entre o antigamente e a atualidade pode inferir-se que a diferença mais notória não tem diretamente a ver com o edificado, mas sim com os campos de cultivo uma vez que a prática de cultivos decresceu significativamente e que, desta forma, os terrenos foram deixados ao abandono. Pode no entanto, encontrar-se alguma diferença no que se relaciona com novas habitações construídas que nada se assemelham às típicas brandas e inverneiras mas que fazem parte do mosaico paisagístico atual.

Os resultados dos inquéritos foram de encontro ao esperado, detetando-se uma população maioritariamente envelhecida, sem estudos, na sua maioria mulheres, cujos empregos eram ou ainda são na área da agricultura. Estes dados foram bastante conclusivos do panorama de Castro Laboreiro.

A elaboração de mapas realizados permite ter uma visão ampla e mais clara do que se verifica no terreno, sendo muito útil, por exemplo, na apresentação das distâncias percorridas pelos castrejos, aquando a mudança branda-inverneira. A distância média percorrida em linha reta é de 6Km, sendo a mínima de aproximadamente 1.4Km e a máxima de 10.3Km.

Em termos de desenvolvimentos futuros desta dissertação pode analisar-se o potencial do turismo rural/ de natureza como uma solução que poderia dar ao património o valor e o reconhecimento que este merece, sendo que isto dependeria da Direção do PNPG e de outras entidades eventualmente envolvidas bem como dos habitantes e proprietários das construções

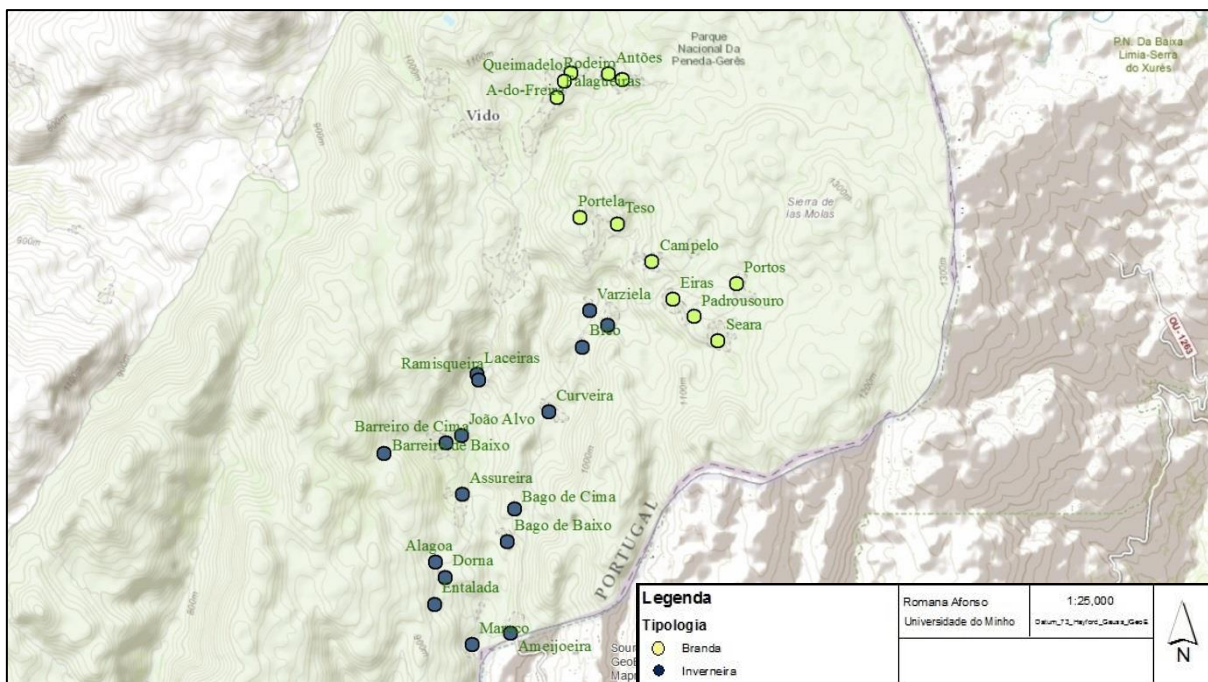
das brandas e inverneiras. Além do valor associado a estes lugares esta é uma solução que potenciava a economia castreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

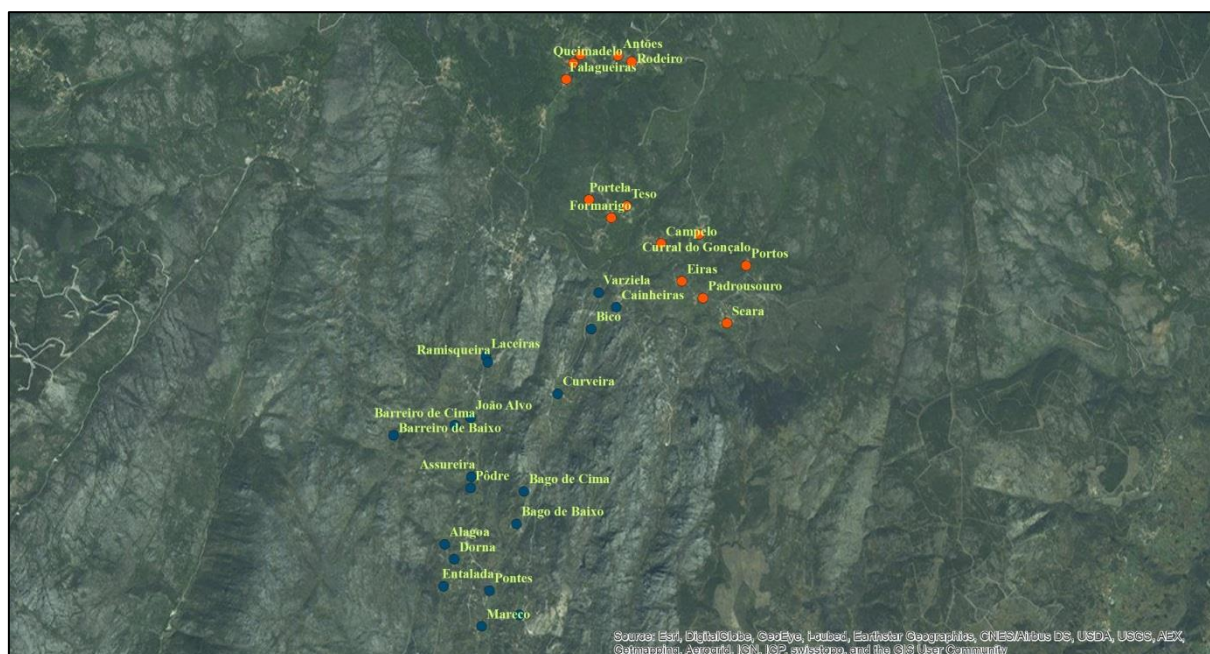
- Beilin, R., Lindborg, R., Stenseke, M., Pereira, H., Llausàs, A., Slatmo, E., Cerqueira, Y., Navarro, L., Rodrigues, P., Reichelt, N., Munro, N., Queiroz, C. (2013), "*Anasysing how drivers of agricultural land abandonment affect biodiversity and cultural landscapes using case studies from Scandinavia, Iberia and Oceania*". Land use policy, nº36 (2014), pp. 60-72
- Bucho, D. (2014) "*Conceito, características, potencialidades e urgências do Património Rural*", Instituto Politécnico de Portalegre.
- Derek, B., Carvalho-Ribeiro, S., Verburg, P., Lovett A. (2011), "*Identifying assets and constraints for rural development with qualitative scenarios: A case study of Castro-Laboreiro, Portugal*". Landscape and Urban Planning, nº102, pp. 127-141
- Dias, M. (2002). "*Avaliação do carácter da paisagem como contributo para o ordenamento e gestão do Parque Nacional Peneda-Gerês*". Dissertação de Mestrado em Planeamento e Projeto de Ambiente Urbano, à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- Farina A. (2007) "*Principles and Methods in Landscape Ecology: Towards a science of landscape*." Landscape series, Springer, Netherlands.
- Figueiredo, J., Pereira, H.M. (2011) '*Regime shifts in a socio-ecological model of farmland abandonment*' Landscape Ecology Vol. 26, pp. 737-749.
- Gersten, J., Ostwald, P. (1978), "*Provision of rehabilitation services for rural mountainous region in Colorado*". American Journal of Physical Medicine Vol. 57, No. 2, pp. 66
- ICN – Instituto de Conservação da Natureza, 1995. Plano de ordenamento do Parque Nacional da Peneda-Gerês, braga, Portugal.
- Koscak, M. (1998), "*Case study: Integral development of rural areas, tourism and village renovation, Trebnje, Slovenia*". Tourism Management Vol. 19, No. 1, pp. 81-86
- Pereira, P. "*Turismo, Hotelaria e imagem urbana: A construção e o consumo de espaços de simulação*", Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

- Pereira, P. (2013) “*Arquitetura do território: Mapear paisagens do Baixo Mondego*”, Dissertação de Mestrado em Arquitetura à Faculdade de Ciências de Tecnologias da Universidade de Coimbra
- Rodrigues, P. (2010), "*Landscape changes in Castro Laboreiro: from farmland abandonment to forest regeneration*", Dissertação de Mestrado em Biologia da Conservação, à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Silva, R. (1995) “*Peneda-Gerês: um espaço rural de características contrastantes*”. Universidade do Porto
- Sotomaior, M., Sousa, J. (2014), “*Castro Laboreiro*”. Revista Vale Mais, nº32, pp.32-33
- Sousa, S. (2013), "*Análise de ciclos de vida: o caso dos trilhos no PNPG*", Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil, à Universidade do Minho
- Viana, P. (1999), “Território, povoamento e construção: manual para as regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês”, Associação para o Desenvolvimento das Regiões do Parque Nacional da Peneda Gerês.
- Vieira, J. (1887), “*O Minho Pitoresco*”, Lisboa, livraria de António Maria Pereira.

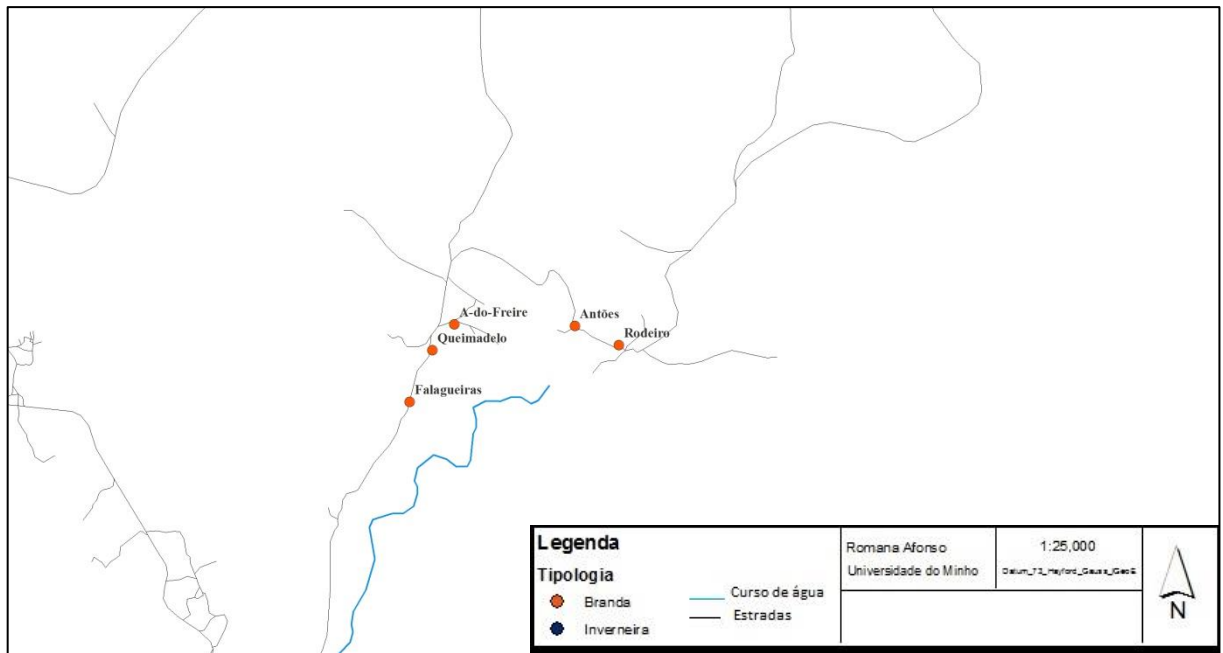
ANEXOS



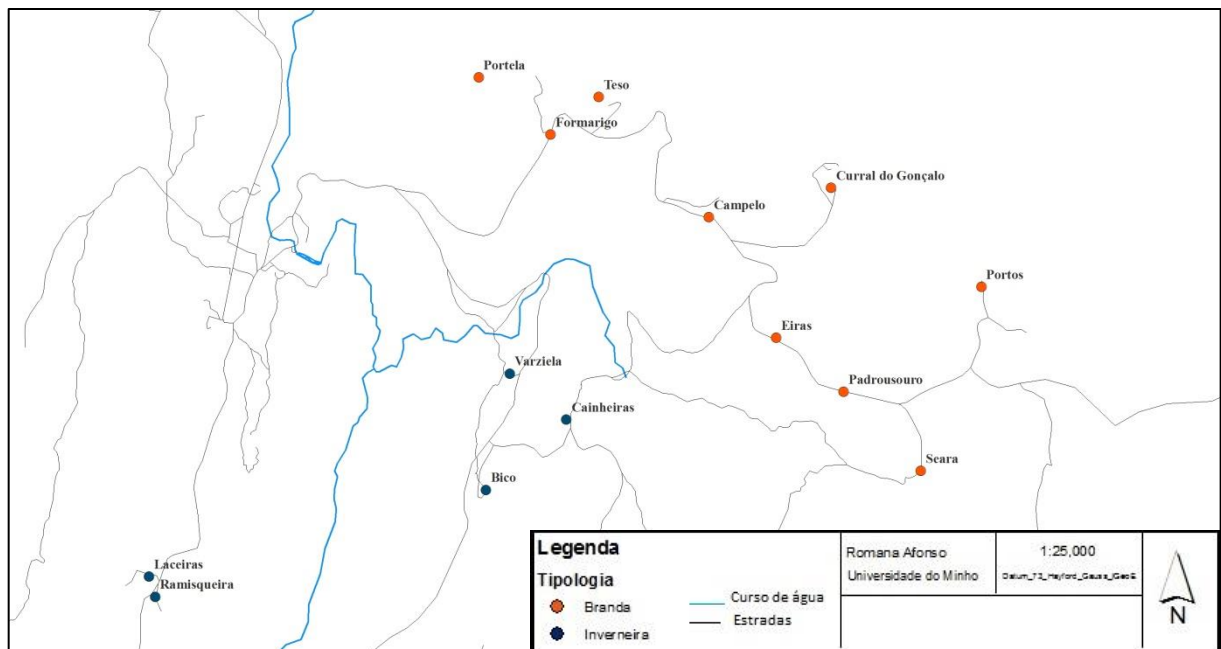
Anexo 1 Brandas e Inverneiras na freguesia de Castro Laboreiro - Carta topográfica (Realização própria em ArcMap, 2014)



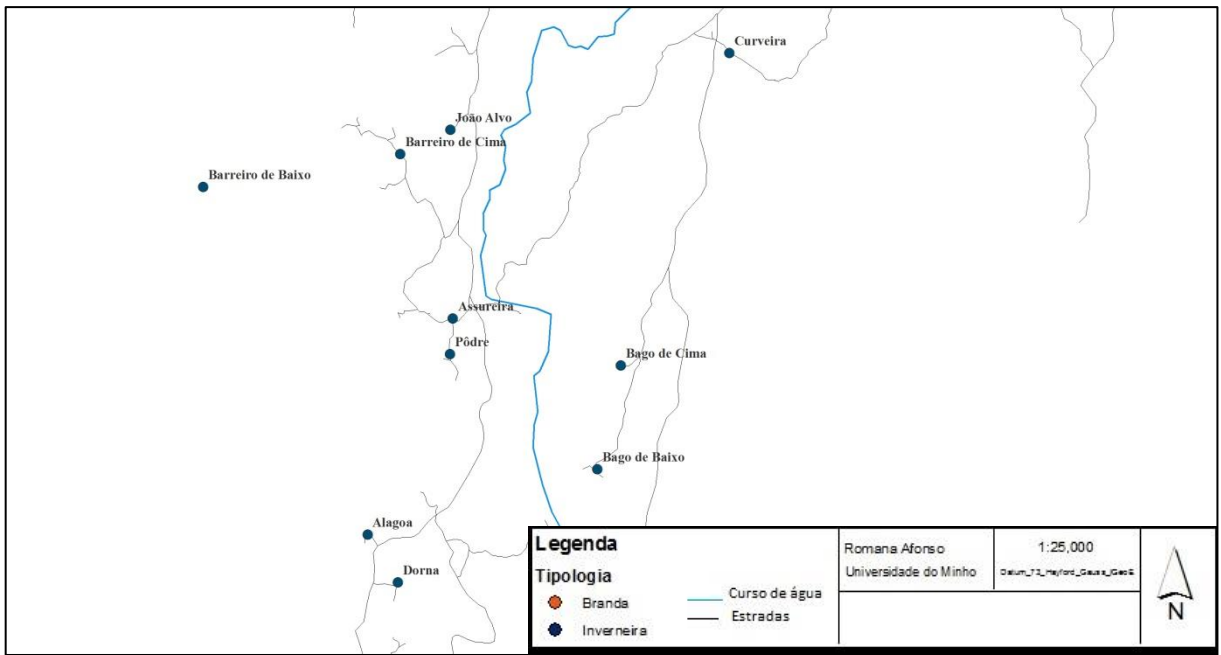
Anexo 2 Brandas e Inverneiras na freguesia de Castro Laboreiro - Mapa topográfico (Realização própria em ArcMap, 2014)



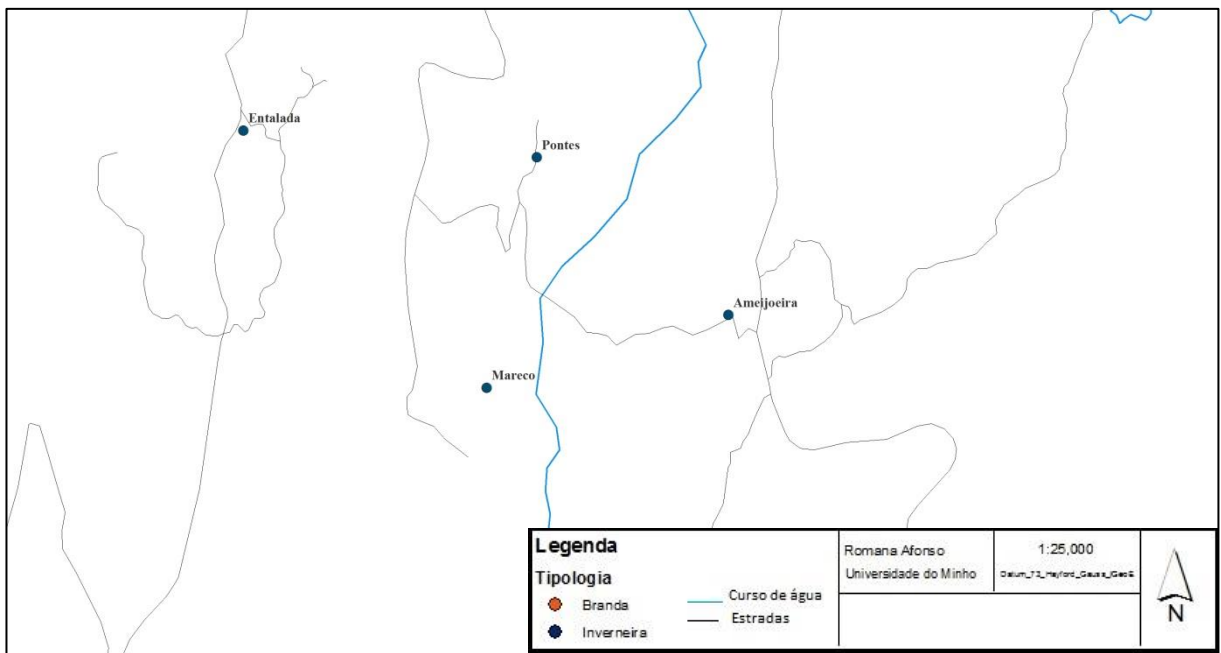
Anexo 3 Zona 1 (Realização própria em ArcMap, 2014)



Anexo 4 Zona 2 (Realização própria em ArcMap, 2014)



Anexo 5 Zona 3 (Realização própria em ArcMap, 2014)



Anexo 6 Zona 4 (Realização própria em ArcMap, 2014)



Universidade do Minho
Escola de Engenharia
Departamento de Engenharia
Civil

INQUÉRITO NO ÂMBITO DO PROJETO DE DISSERTAÇÃO DO MESTRADO
INTEGRADO EM ENGENHARIA CIVIL

- BRANDAS E INVERNEIRAS -

2013/2014

MOTIVAÇÃO DO ESTUDO

O estudo e o particular interesse por este sistema de transumância, nomeadamente relativo às brandas e às inverneiras, surge num contexto de planeamento do território e da compreensão de sistemas existentes na zona de estudo, Parque Nacional Peneda-Gerês. Assim sendo, este estudo tem como objetivo a compreensão do que potencia este sistema, a forma como ele se efetua, quais os aspetos que levaram a alterações e a que alterações, qual é o tipo de habitação típica. Pretende-se ainda fazer uma ligação à história e à génese deste mesmo processo.

1. **Tem noção de quantas brandas e inverneiras existem na freguesia de Castro Laboreiro?** (Tendo em conta brandas e inverneiras)
 - a. Menos de 15
 - b. Entre 15 e 30
 - c. Mais de 30
 - d. Não sabe / Não responde

2. **Como é sabido, este sistema está intimamente ligado com a prática de atividade pecuária, assim sendo, qual o raio de distância (aproximadamente, em metros ou quilómetros) entre os campos trabalhados para o efeito e a habitação?** Indique, por favor, um número.

3. **Tem a noção de quantas famílias nesta branda / inverneira ainda praticam este sistema habitacional?**
 - a. Menos de 10
 - b. Entre 10 e 20
 - c. Mais de 20

4. **Do que conhece da história deste sistema, indique, por favor, o ano de construção ou período em que foi erguido um conjunto destas brandas e inverneiras ou, no caso de uma particular, indicando a qual se refere.**

 5. **Do conhecimento que tem do local e do sistema, identifique, colocando os números 1 (mais importante) a 4 (menos importante) quais os motivos que podem estar ligados ao abandono deste.**
 - a. Desinteresse das gerações atuais
 - b. Abandono da pecuária
 - c. Evolução da maquinaria agrícola, da tecnologia e do conforto
 - d. Outro:
-

Para mais fácil compreensão do panorama que se verifica no concelho, solicita-se o preenchimento de alguns dados pessoais que não serão divulgados para qualquer outro fim.

6. **Vive no sistema de brandas e inverneiras?**
 - a. Sim
 - b. Não

7. **Se respondeu sim à pergunta anterior, indique há quantos anos e por que motivo.**

8. **Indique, por favor, o seu sexo.**
 - a. Masculino
 - b. Feminino

9. **Indique, por favor, a sua idade.**

10. **Indique, por favor, qual o seu grau de escolaridade.**
 - a. Ensino Primário Incompleto
 - b. Ensino Primário Completo
 - c. Ensino Secundário Incompleto

- d. Ensino Secundário Completo
- e. Curso de Bacharelato / Licenciatura Incompleto
- f. Curso de Bacharelato / Licenciatura Completo
- g. Especialização
- h. Mestrado
- i. Doutoramento

11. Indique, por favor, qual a sua situação profissional.

- a. Desempregado
- b. Empresário
- c. Estudante
- d. Contratado a prazo
- e. Quadro / Funcionário de empresa
- f. Funcionário público
- g. Reformado/Pensionista
- h. Empreendedor em nome individual

12. Indique, por favor, qual a sua profissão?

13. Qual é o rendimento total bruto mensal da sua família, incluindo todas as fontes de renda (salário, alugueres, reforma, rendimentos, entre outros)?

- a. Até 500€
- b. De 501 a 1000€
- c. De 1001 a 2000€
- d. De 2001 a 4000€
- e. De 4001 a 6000€
- f. Mais do que 6000€

Obrigado pela sua colaboração!

Anexo 7 Inquérito realizado à população de Castro Laboreiro

*“Tem os moradores desta Freguesia duas vivendas,
huma a que chamão a Enverneira, e a outra
Varandas, que se compõem de varios Lugares.”*

[Dicionário Geográfico, Lisboa, 1751, vol. 2, p. 529]